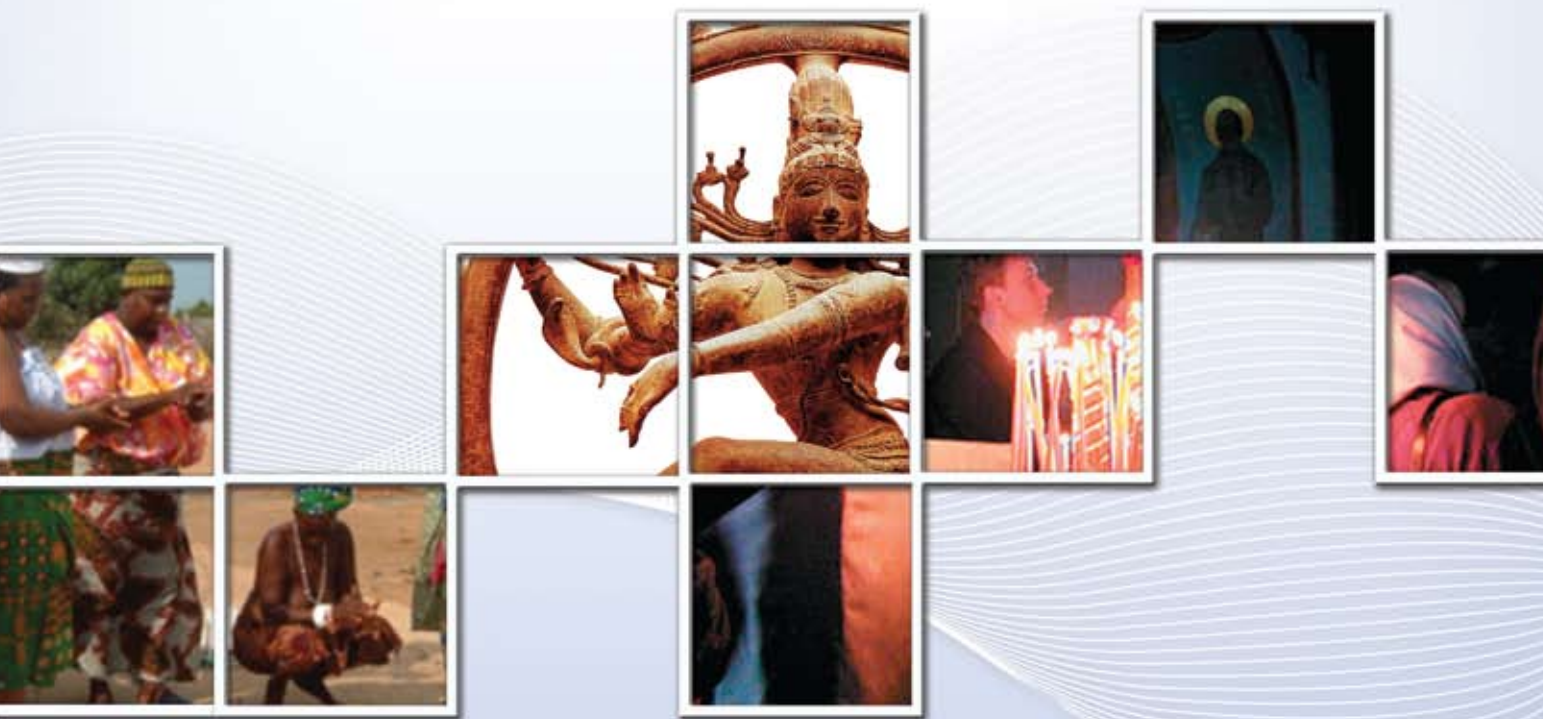


CADERNO PEDAGÓGICO DE ENSINO RELIGIOSO



O Sagrado no Ensino Religioso

Secretaria de Estado da Educação

GOVERNO DO PARANÁ
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO

O SAGRADO NO ENSINO RELIGIOSO

CURITIBA

2008

Depósito legal na Fundação Biblioteca Nacional, conforme Decreto Federal n.1825/1907, de 20 de Dezembro de 1907.

É permitida a reprodução total ou parcial desta obra, desde que citada a fonte.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Avenida Água Verde, 2140 - Telefone: (0XX) 41 3340-1500

80240-900 CURITIBA - PARANÁ

CATALOGAÇÃO NA FONTE - CEDITEC - SEED-PR.

Biaca, Valmir et al.

O sagrado no ensino religioso / Valmir Biaca; Elson Oliveira Souza; Emerli Scholgl; Sérgio Rogério Azevedo Junqueira [e] Sant'Ana, René Simonato. – Curitiba : SEED – Pr., 2006. - p. 136 (Cadernos pedagógicos do ensino fundamental, v.8).

ISBN: 978-85-85380-67-0

1. Ensino religioso. 2. Ensino religioso-Paraná. 3. Ensino fundamental. 4. Educação-Paraná. I. Junqueira, Sérgio Rogério Azevedo. II. Scholgl, Emerli. III. Souza, Elson Oliveira. IV. Sant'Ana, René Simonato. V. Paraná. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Ensino Fundamental. VI. Material de apoio didático. VII. Título. VIII. Série.

CDU21+373.3(816.2)

EDITORAÇÃO, ILUSTRAÇÕES E REVISÃO ORTOGRÁFICA

MEMVAVMEM Editora

2006

IMPRESSO NO BRASIL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

GOVERNO DO PARANÁ

Roberto Requião

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Mauricio Requião de Mello e Silva

DIRETOR GERAL

Ricardo Fernandes Bezerra

SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO

Yvelise Freitas de Souza Arco-Verde

DEPARTAMENTO DE ENSINO FUNDAMENTAL – 2006

Fátima Ikiko Yokohama

Lilian Ianke Leite

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA

Mary Lane Hutner

EQUIPE TÉCNICO-PEDAGÓGICA

Elson Oliveira Souza

René Simonato Sant'Ana

Valmir Biaca

ASSESSORIA PEDAGÓGICA

Emerli Scholgl

Sérgio Rogério Azevedo Junqueira

COLABORADORES

Eloi Corrêa dos Santos

Juliano Orlandi

APRESENTAÇÃO

Professora e Professor:

O conhecimento religioso é um patrimônio da humanidade. Refletir sobre esse fenômeno é pensar criticamente sobre a nossa condição existencial, o que não passa, necessariamente, pela prática de uma crença em particular. Antes, esse pensar está marcado pela busca incansável do entendimento das questões ligadas à própria vida, à transcendência e à orientação ética que dá sentido às realizações pessoais e sociais.

A dimensão religiosa, por constituir uma propriedade humana, deve ser abordada com seriedade no espaço escolar, de modo que crianças e jovens estudantes possam estabelecer posições autênticas e referenciadas eticamente diante das expressões e manifestações religiosas. Há muito essa discussão deixou de ser privilégio de poucos esclarecidos e transposição para a escola de dogmas e sacramentos utilizados pela Igreja. Hoje, a liberdade de crença e de exercício religioso, garantida constitucionalmente, permite a leitura e o debate crítico dos lugares sagrados, dos textos sagrados orais e escritos, das organizações religiosas, do universo simbólico que reúne ritos e festas, danças e músicas, forças sociais que sustentam as tradições religiosas.

As orientações sugeridas neste Caderno Pedagógico *O Sagrado no Ensino Religioso* demonstram claramente, sem proselitismos, que é possível organizar conhecimentos básicos sobre o assunto para ampliar as oportunidades de desenvolvimento humano. Aqui está o esforço comprometido das equipes pedagógicas da SEED e consultoria das IES com a formação de nossos estudantes do Ensino Fundamental. Trata-se de um trabalho orientado para apresentar didaticamente a riqueza da diversidade do fenômeno religioso, pela via do sagrado, para uma escola laica e pluralista.

Mauricio Requião de Mello e Silva

Secretário de Estado da Educação

A meta da educação do Estado do Paraná para o Ensino Fundamental é a formação de qualidade dos nossos educandos acolhidos por um trabalho docente crítico e articulado às diretrizes da política educacional que vem sendo construída. Entendemos que o apoio e a orientação dos alunos está a cargo do professor, mas são os recursos educacionais que oferecem a base desse projeto. Desta forma, a Coleção Cadernos Pedagógicos, que ora apresentamos, buscou atender aos anseios dos professores, no que diz respeito ao material didático-pedagógico, através da reflexão e do diálogo com todos os profissionais da rede pública estadual de ensino. Inteligência, criatividade, espírito de iniciativa, capacidade e perseverança foram aspectos importantíssimos que contribuíram para esta realização que, efetivamente abriu possibilidades para evidenciar um trabalho diferenciado, com os conteúdos específicos de cada área do conhecimento.

Assim sendo, ela surge no sentido de difundir e inculcar valores no cotidiano dos alunos, desde cedo, preparando-os para enfrentar um mundo em constante transformação. Essa Coleção mostra perspectivas que se abrem nos mais diversos campos do saber e implicam num modelo educacional permanentemente novo, dinâmico e interativo – atento a uma realidade que se transforma a cada momento.

Desta forma, ao enfatizar a absorção do novo, a educação do Paraná está construindo os caminhos e são estes, os ideais que alimentam a nossa proposta educacional.

Yvelise Freitas de Souza Arco-Verde

Superintendente da Educação

Prezados(as) colegas professores(as)

Apresentamos com satisfação, a consolidação de mais uma ação em prol da educação pública paranaense de qualidade: a coleção dos Cadernos Pedagógicos do Ensino Fundamental, de todas as disciplinas escolares.

A elaboração desse material se traduz em uma importante ação de implementação das diretrizes e pretende fomentar as discussões críticas sobre os conhecimentos historicamente produzidos, articulados à prática social em sala de aula. É específico para o(a) professor(a), fornece elementos para a preparação de aulas com vistas a priorizar o tratamento dos conteúdos na escola e destaca uma abordagem pedagógica dos conteúdos, proposta nos fundamentos teórico-metodológicos da disciplina e explicitada ao longo das unidades.

Vale ressaltar que estes cadernos consistem num material de apoio didático-pedagógico aos professores do Ensino Fundamental da rede pública estadual de ensino e portanto, não pretendem esgotar as possibilidades de abordagem dos conteúdos, e sim instigar o professor a buscar encaminhamentos teórico-metodológicos diferenciados, com vistas a resgatar a função social da escola pública no estado do Paraná.

Fátima Ikiko Yokohama

Chefe do Departamento de Ensino Fundamental – 2006

O caderno Pedagógico do Ensino Religioso é um material desenvolvido pela Secretaria de Estado da Educação e tem por função fornecer o apoio didático-pedagógico aos professores de Ensino Religioso da Rede Pública Estadual. Foi elaborado a partir da experiência teórica da Diretrizes Curriculares Estaduais e, por essa razão, está sujeito às mesmas concepções teóricas e dinâmicas de trabalho que conduziram a redação desse documento.

Consciente de que o conhecimento humano se determina sempre em momentos singulares e circunstâncias específicas, a construção das Diretrizes Curriculares foi, desde o início, pensada segundo a perspectiva de contínua e infundável atualização do processo. Desse modo, a fundamentação teórica, os conteúdos estruturantes, as metodologias, etc. descritas nesse documento são algumas possibilidades de interpretação da disciplina de Ensino Religioso e estão, intencionalmente, abertas a futuras modificações.

De acordo com essa perspectiva, o Caderno Pedagógico também foi, conscientemente, construído em função do mesmo critério de continuidade e, por essa razão, está igualmente submetido às possibilidades de reestruturação e reelaboração. O resultado desse ponto de vista certamente manifestará no futuro um descompasso entre as Diretrizes Curriculares Estaduais, reelaboradas em função de novas exigências, e o Caderno Pedagógico, elaborado a partir de antigas orientações pedagógicas. Essa situação, porém, não desqualificará o material que o leitor tem em mãos pois, mesmo com o futuro e certo desenvolvimento das Diretrizes Curriculares e, conseqüentemente, das orientações teóricas da disciplina de Ensino Religioso, o Caderno Pedagógico resguardará os aspectos essenciais do documento e, por isso, levará muito tempo para se tornar integralmente obsoleto.

Mary Lane Hutner

Chefe do Departamento de Educação Básica

SUMÁRIO

ORGANIZAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA.....	9
UNIDADE I: RESPEITO À DIVERSIDADE RELIGIOSA	17
ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO	24
UNIDADE II: LUGARES SAGRADOS	29
ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO	34
UNIDADE III: TEXTOS ORAIS E ESCRITOS – SAGRADOS.....	39
ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO	46
UNIDADE IV: ORGANIZAÇÕES RELIGIOSAS	49
ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO	59
UNIDADE V: UNIVERSO SIMBÓLICO RELIGIOSO.....	63
ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO	70
UNIDADE VI: RITOS.....	79
ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO	90
UNIDADE VII: FESTAS RELIGIOSAS	93
ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO	99
UNIDADE VIII: VIDA E MORTE.....	103
ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO	108
INDICAÇÃO DE SÍTIOS E LEITURAS.....	117
REFERÊNCIAS.....	118
BIBLIOGRAFIA	118



Ensino Religioso





ORGANIZAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

O caderno pedagógico do Ensino Religioso do Ensino Fundamental da Secretaria de Estado da Educação visa propiciar aos professores subsídios para a prática pedagógica.

Esse material trata dos conteúdos para as aulas nas 5ª e 6ª séries, apontados nas Diretrizes Curriculares do Ensino Religioso, decorrentes dos conteúdos estruturantes. A SEED, por meio do Departamento de Educação Básica, tem implementado o Ensino Religioso nas escolas públicas estaduais e busca cumprir orientações legais referentes à disciplina, entre elas, a Constituição Federal, que apregoa que o Ensino Religioso deve ser laico e não proselitista. Assim sendo, os professores do Ensino Religioso não podem esquecer de que a busca do conhecimento religioso se faz de diferentes maneiras e que o seu papel é o de orientar os educandos sobre a diversidade religiosa.

Não deixando de mencionar, conforme orientam as Diretrizes do Ensino Religioso, que o professor terá como ponto de partida dos conteúdos uma tradição religiosa desconhecida para, em um segundo momento, estudar uma tradição religiosa conhecida dos alunos. Assim, o professor ampliará o horizonte de possibilidades de compreensão do sagrado, viabilizando, ainda, uma melhor compreensão social e cultural da diversidade religiosa, dado marcante da sociedade brasileira.

O que se vive atualmente é uma sociedade pluralista, que se expressa no Estado não-confessional e laico, que garante os direitos fundamentais de liberdade religiosa e de expressão religiosa. Assim, a proposta da SEED, com este Caderno Pedagógico, é a implementação das Diretrizes Curriculares, subsidiando os professores de Ensino Religioso na sua prática educativa, com vistas ao respeito à diversidade cultural e religiosa, sem proselitismo, desenvolvendo o respeito à alteridade, de acordo com a Lei nº 9.475/97.

Nessa perspectiva, é necessário possibilitar ao educando conhecimentos a respeito não só da experiência do sagrado e também das organizações religiosas, bem como de fundamentos de vida não religiosos, que também levam à compreensão da realidade.

É nesse espírito que este caderno pedagógico se configura como um desafio, porque propõe estudar e compreender esta disciplina



na perspectiva da reflexão a respeito do pluralismo religioso e da diversidade cultural e religiosa.

O caderno está estruturado didaticamente, com uma apresentação geral do Ensino Religioso na Escola Pública. Encaminha orientações legais, objetivos e também as principais diferenças entre as “aulas de religião” e o Ensino Religioso como disciplina escolar. Está dividido em 8 unidades temáticas. Já as unidades estão divididas em fundamentação sobre o conteúdo abordado, texto destinado aos professores e encaminhamento metodológico, destinado aos educandos.

A primeira unidade temática abordada é o **Respeito à Diversidade Religiosa**, ou seja, os meios pelos quais a legislação vigente pretende assegurar a liberdade religiosa, por exemplo, o direito de professar a fé e a liberdade de opinião e expressão ou o direito à liberdade de se reunir em torno de um objeto sagrado. A segunda, **Lugares Sagrados**, ou seja, porque esse ou aquele espaço adquire um significado sagrado, religioso, para os grupos, como, por exemplo, os lugares da natureza como rios, montanhas, etc., ou lugares construídos como cidades sagradas, sinagogas, etc. A terceira, **Textos Sagrados Orais e Escritos**, busca apresentar como as tradições religiosas preservam a mensagem divina ou como as tradições guardam e transmitem de forma oral ou escrita esses textos sagrados, utilizando-se de cantos, narrativas, poemas etc. A quarta unidade, **Organizações Religiosas**, problematizando as religiões a partir das estruturas hierárquicas.

Na quinta unidade, se constitui do **Universo Simbólico Religioso**, ou seja, do conjunto de expressões comunicantes de significados, formados por sons, formas e gestos, entre outros. Este universo permeia e sustenta a formação de ritos, mitos e a vida cotidiana das pessoas. A sexta unidade do caderno é composta pelos **Ritos**, ou melhor, as práticas celebrativas das diferentes tradições/manifestações religiosas, como, por exemplo, os ritos de passagem, de batismo, de casamentos, etc. A sétima unidade trata das **Festas Religiosas**, que são eventos organizados com objetivos próprios, como, por exemplo, as festas juninas, as festas de casamento, do ano novo, entre outras. A última unidade temática possui como tema **Vida e Morte**. Essa unidade aborda as respostas elaboradas pelas tradições religiosas para explicar a vida, a morte, a possibili-





dade de vida além morte, o niilismo, a reencarnação, a ressurreição e a ancestralidade.

A educação, como também é o caso das ciências, deve estar sempre em constante processo de revisão. Vive-se, hoje, numa época em que a consciência da diversidade cultural entre os países e no seio das suas comunidades se acentuou. Nunca, como no presente momento histórico, o respeito à diversidade cultural foi tão reivindicado. Há uma crescente consciência da necessidade de unidade em torno do destino do homem em todo o planeta e das radicais diferenças culturais em cada povo. Diante deste contexto, aparentemente contraditório, faz-se premente um repensar generalizado da educação e da escola. Nas últimas décadas, a tarefa dos educadores também necessitou passar pela mesma revisão que atingiu à educação em geral.

Neste contexto, encontra-se o processo de escolarização do Ensino Religioso. Anteriormente, o trabalho realizado na escola era uma transposição do que se realizava na paróquia. O modelo caracterizava-se, antes de tudo, num código doutrinal (dogma, moral, sacramentos), de verdade sobrenatural diretamente revelada por Deus. O professor, com autoridade dada pela Igreja, apresentava um catecismo segundo uma linguagem neo-escolástica, isto é, uma linguagem escolar permeada pela linguagem religiosa. A catequese era concebida, sobretudo, como uma introdução sistemática e orgânica desse complexo doutrinal do catecismo, cuja finalidade primeira era o conhecimento exato e intelectual das doutrinas de fé.

Na prática, esse tipo de catequese se exprimia na escola por meio da memorização e da reprodução das perguntas e respostas do catecismo oficial. O caráter intelectual ou cognitivo dessa catequese era absolutamente dominante, devido a forte presença da igreja católica nas escolas. A formulação exata e integral deste código doutrinal era reservada ao magistério da Igreja e vinha aprofundada pela teologia.

Progressivamente, aconteceu a introdução de novas implicações econômicas, sociais, políticas e culturais que influenciaram a seleção de conteúdos e de estratégias de ensino. Passou a existir uma atenção em entender a experiência do educando. A fidelidade ao ser humano partiu da preocupação em compreender o processo de



ensino e de aprendizagem, buscando procedimentos didáticos mais apropriados ao desenvolvimento do humano enquanto humano.

Em decorrência desses aspectos, o Ensino Religioso sofreu um lento processo de alterações, passando, entre outros momentos, pelas aulas de ética e de valores. Em consequência de um processo de desenvolvimento fomentado pelas exigências econômicas, o país e sua população tiveram de entrar num movimento de autocompreensão, do qual se concluiu a necessidade de se valorizar a riqueza da diversidade nacional, inclusive do elemento religioso, remetendo, neste momento, ao estudo do conhecimento religioso em toda a sua diversidade.

Dessa forma, o Ensino Religioso, que no passado versava sobre a prática de uma única religião, atualmente é compreendido como a educação da cultura religiosa dos brasileiros, de um sagrado heterogêneo mas que se inter-relaciona e que merece ser respeitado, que orienta e organiza aspectos da tradição deste povo. Isso é reconhecido pelo artigo quinto da Constituição vigente (1988): “É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e suas liturgias”.

Nesta perspectiva, o Ensino Religioso deve ser assumido como disciplina de oferta obrigatória para o estabelecimento de ensino público e de matrícula facultativa para o aluno, pois é parte integrante da formação básica do cidadão. Constitui-se, assim, disciplina dos horários normais das escolas públicas de Educação Básica, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo (LDB 9475/97).

Cabe, assim, aos sistemas de ensino, regulamentar os procedimentos para a definição dos conteúdos do Ensino Religioso e estabelecer as normas para a habilitação e admissão dos professores, assim como, ouvir entidade civil devidamente constituída pelas diferentes denominações religiosas para a definição dos conteúdos do ensino religioso, conforme LDB 9.475/97 – artigo 33. Esta orientação é sustentada pelo parágrafo primeiro do artigo 210 da Constituição Brasileira: “O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental”.





Diante do exposto, entende-se que uma das formas de se romper a vinculação entre a “disciplina de Ensino Religioso” e as “aulas de religião” é superar práticas que tradicionalmente têm marcado o seu currículo: com relação aos objetos de estudos, aos conteúdos selecionados e, ainda, ao encaminhamento metodológico adotado pelo professor.

Tendo como ponto de partida as novas demandas para o Ensino Religioso, foram definidos nas Diretrizes Curriculares dessa disciplina conteúdos que farão sentido no processo de ensino e de aprendizagem, isso na medida em que forem incorporados pelos professores, não apenas no planejamento formalizado na escola, mas no efetivo trabalho com os educandos.

Assim, conforme definido nas Diretrizes Curriculares, a abordagem dos conteúdos neste Caderno terá como objeto de estudos o sagrado, a base a partir da qual serão tratados todos os conteúdos para a disciplina de Ensino Religioso. Cumpre lembrar que o objeto do Ensino Religioso é o estudo das diferentes manifestações do sagrado no coletivo. Seu objetivo é analisar e compreender o sagrado enquanto o cerne da experiência religiosa do universo cultural, que se contextualiza no cotidiano social de inter-relação dos diversos sujeitos.

Dessa forma, o Ensino Religioso, ao tratar do sagrado, busca explicitar a experiência que perpassa as diferentes culturas expressas tanto nas religiões mais estruturadas, como em outras manifestações mais recentes e menos formais. O conteúdo abordado pelo Ensino Religioso terá, também, a preocupação com os processos históricos de constituição do sagrado, com os quais se fundamenta e se consolida.

Assim, o conteúdo abordado, foco de estudos do sagrado, perpassará todo o currículo da disciplina de Ensino Religioso, de modo a permitir uma análise mais complexa de sua presença nas diferentes manifestações religiosas, logo culturais e sociais.

Neste propósito, ressalta-se que, ao definir os conteúdos estruturantes desta disciplina, pretende-se abarcar, nos conteúdos básicos, a pluralidade das tradições religiosas que compõem o universo religioso, fruto da sensibilidade existencial humana.

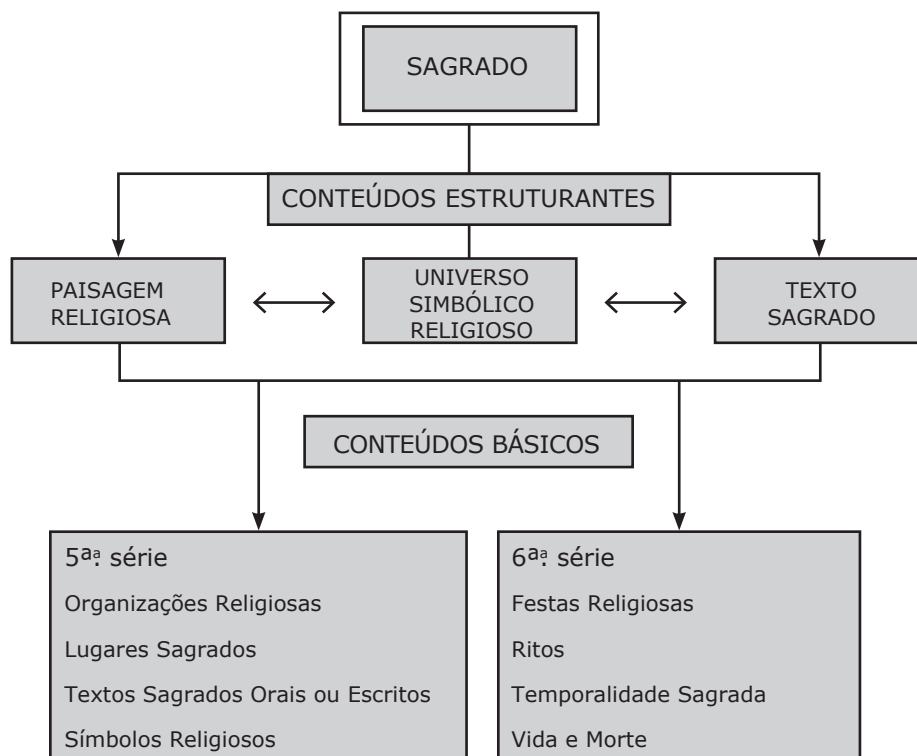


Outrossim, os conteúdos estruturantes para o Ensino Religioso – a paisagem religiosa, universo simbólico religioso e o texto sagrado – são as instâncias que ajudam a compreender o sagrado. Cumpre observar que tais conteúdos estruturantes não têm tradição no currículo de Ensino Religioso e o que se pretende é romper com os conteúdos que, historicamente, têm sido tratados nesta disciplina, já que esses não mais contemplam as especificidades da disciplina, pondo em risco o sentido fundamental de educação.

Os conteúdos estruturantes de Ensino Religioso são as referências basilares para a compreensão do objeto de estudo da disciplina, bem como os orientadores para a definição dos conteúdos básicos. Esses conteúdos estruturantes ora definidos não devem ser entendidos isoladamente, uma vez que se relacionam intensamente ao objeto de estudos da disciplina, o sagrado. Portanto, a sua apresentação em separado é meramente metodológica.

Para melhor compreender a relação do sagrado com os conteúdos estruturantes e os conteúdos específicos apresenta-se o seguinte esquema:

Figura 1: o sagrado/conteúdos



Fonte: PARANÁ, 2008



Os conteúdos estruturantes – paisagem religiosa, universo simbólico religioso e texto sagrado – são referências importantes para o tratamento dos conteúdos propostos para o Ensino Religioso, pois permitem identificar como a tradição/manifestação atribuí às práticas religiosas, o caráter sagrado e em que medida orientam e/ou estão presentes nos ritos (nas festas), na organização das religiões, nas explicações da morte e da vida, nos textos e lugares sagrados e no universo simbólico religioso. Portanto, os conteúdos selecionados para a disciplina desenvolvidos nas Diretrizes Curriculares têm como referência os conteúdos estruturantes, dos quais se desdobram os conteúdos básicos.

Convém destacar, ainda, que todo o conteúdo a ser tratado nas aulas de Ensino Religioso contribuirá para a superação do preconceito à ausência ou à presença de qualquer crença religiosa, de toda forma de proselitismo, bem como da discriminação de qualquer expressão do sagrado. Assim, os conteúdos a serem ministrados nas aulas de Ensino Religioso não têm o compromisso de legitimar uma manifestação do sagrado em detrimento de outra, uma vez que a escola não é um espaço de doutrinação, de evangelização, de expressão de crença de ritos ou símbolos, campanhas e celebrações.

Desta forma, os conteúdos apresentados nas Diretrizes Curriculares buscam apontar as diversas manifestações do sagrado, entendidas como integrantes do patrimônio cultural. Estes poderão ser enriquecidos pelo professor, desde que a contribuir para a construção, a reflexão e a socialização do conhecimento, no caso, o religioso; proporcionando, assim, conhecimentos que favoreçam a formação integral dos educandos, o respeito e o convívio com base na alteridade, na inter-relação das diversas culturas.

Para corresponder a esse propósito, a linguagem a ser utilizada nas aulas de Ensino Religioso é a pedagógica e não a religiosa, referentemente a cada expressão do sagrado, adequada ao universo escolar e ao que este indica: a aprendizagem do conhecimento e o desenvolvimento do sujeito educando.

1



“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião.

Para odiar, as pessoas precisam aprender; e, se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar”.

Nelson Mandela

RESPEITO À DIVERSIDADE RELIGIOSA



O espaço escolar é privilegiado por propiciar aos educandos a oportunidade de refletir sobre o conhecimento historicamente produzido: a identidade cultural e social; o conhecimento de aspectos da ciência; e da cultura nacional, dentre as quais se encontram as diferentes tradições e manifestações religiosas presentes na sociedade. De tal sorte, neste ambiente, é possível entender a amplitude da própria cultura em que se insere.



FIGURA 2 Diversidade religiosa

Essa compreensão deve favorecer o respeito à diversidade cultural religiosa, em suas relações éticas e sociais, fomentando medidas de repúdio a toda e qualquer forma de preconceito e discriminação e o reconhecimento de que todos são portadores de singularidades. Ou seja, a escola não pode prescindir da sua vocação de instituição aberta ao universo da cultura, aos integrais acontecimentos e da ação do homem. Nesse contexto, a experiência religiosa faz parte desses fenômenos, com os fatos e os sinais que a expressam.

O fato religioso, como todos os fatos humanos, pertence ao universo da cultura e, portanto, tem uma relevância cultural, tem uma relevância em sede cognitiva (COSTELLA, 2004, p. 104). Nesta perspectiva é que, enfim, encontra-se o Ensino Religioso no espaço chamado escola.

1.1 A DIVERSIDADE CULTURAL

A diversidade cultural é patrimônio comum da humanidade. A cultura adquire formas diversas por meio do tempo e do espaço, que, por sua vez, manifestam-se na originalidade e na pluralidade das identidades



Figura 3: Diversidade

Fonte: www.midiaindependente.org/ao/red/2003/07/258078.shtml



que caracterizam os grupos e a sociedade que compõem a humanidade. Sendo fonte de intercâmbio, inovação e criatividade, a diversidade cultural é para o gênero humano tão necessária quanto a diversidade biológica para os organismos vivos. É por isso que essa diversidade se constitui patrimônio comum da humanidade e deve ser reconhecida e consolidada em benefício das futuras gerações.

Esta pluralidade em nossas sociedades garante uma interação harmoniosa quando impulsionada pela vontade do conviver das pessoas, acolhendo a inter-relação com as diferenças de forma dinâmica, formando uma única totalidade social, a humana. Portanto, as políticas que favorecem a inclusão e a participação de todos são vitais para a construção da paz entre as nações e no interior destas. O intercâmbio cultural, o “conhecer para compreender”, perfaz as várias formas de leitura do mundo, as quais permitem novos olhares sobre o espaço ocupado e a existência, de forma geral.

O desenvolvimento das comunidades, das sociedades, não se limita apenas ao econômico, à educação físico-matemática, ao domínio da língua portuguesa, mas também ao acesso de seus integrantes a uma vida intelectual produtiva, afetiva, moral e espiritual. Inclusive, em toda a diversidade dos grupos que ocupam as mesmas regiões ou áreas vizinhas, pois, a Declaração Universal dos Direitos Humanos (artigo 27) garante que: “Toda pessoa tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fluir as artes e de participar do processo científico e de seus benefícios”. Este direito é um imperativo ético inseparável da dignidade do ser humano. Assim, os direitos com respeito à diversidade cultural marcam a possibilidade de liberdade de expressão nas mais variadas formas, pois divulgam as idéias e as particularidades das comunidades manifestadas no teatro, na pintura, nos textos, rituais e outras formas de expressão da identidade.

Deve-se lembrar, também, que toda criação tem suas origens nas tradições culturais desenvolvidas ao longo da história das comunidades, valorizando o passado e sustentando o futuro das gerações. É o diálogo entre os grupos que catalisam as relações, gerando novas propostas de convivência mundial. Foi nesta perspectiva que ocorreu a homologação da Declaração Universal da Diversidade Cultural.





Portanto, a diversidade cultural e a diversidade religiosa andam juntas. Para ilustrar, é só pensar que cultura e culto têm o mesmo radical etimológico. Conforme o Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso (FONAPER), a religião acontece dentro de um universo cultural, ora influenciando, ora sendo influenciada pela cultura.

É nesse contexto que o Ensino Religioso, como disciplina, tem também a função de proporcionar ao educando a possibilidade de refletir sobre vários aspectos da existência, entre eles o transcendente. Levá-lo a questionar sobre o sentido da vida, descobrindo seu comprometimento com a comunidade, em estado consciente de sua participação no todo. A consequência desta descoberta poderá afetar as ações, gestos, palavras, significados: construções que farão parte da sua vivência e convivência.

O fato de toda pessoa ter a liberdade de pensamento, de consciência (crenças) e de religião inclui a possibilidade de os indivíduos assumirem ou não uma opção de crença (um valor de verdade) de forma coletiva ou individual. Neste sentido, a discriminação entre os seres humanos é uma ofensa à dignidade humana e deve ser condenada como uma violação aos Direitos Universais da pessoa. Contudo, a intolerância está aí e desafia a convivência das comunidades. Um desafio que a educação deve se pôr, para efetivar a harmonia dos seres humanos: desenvolvidos o melhor possível e de posse do conhecimento historicamente construído.

1.2 DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS

A diversidade religiosa presente nas sociedades é um elemento significativo que promove a união ou a fragmentação das comunidades, não importando se estão como minoria ou maioria – o que é uma questão relativa: até porque quem é maioria aqui pode virar a minoria logo ali.

Esse direito dos cidadãos é garantido pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, que foi assinado em 1948, quando se pretendia mudar os rumos da história contemporânea. Na ocasião, desejava-se algo simples, com o que cada um e, ao mesmo tempo, todos os seres humanos respeitassem a diferença, acolhendo o outro e



efetivando a participação de todos na construção de uma sociedade mais adequada ao bem viver humano. Esta Declaração, como qualquer declaração, trata de prerrogativas concedidas ao indivíduo. Este sentido só se faria eficaz quando seus conteúdos fossem alargados aos grupos e, por serem essenciais, toda a autoridade política (e todo o poder em geral) teria a obrigação de garantir o seu respeito.

Os direitos do homem constituem as proteções mínimas que permitem ao indivíduo viver uma vida digna, sem usurpações de qualquer forma de direito e são, por conseguinte, uma espécie de espaço conquistado intransponível, traçando à volta do indivíduo uma esfera privada e inviolável. Em suma, definem uma limitação dos poderes do Estado e correspondem às chamadas “liberdades fundamentais” do indivíduo. Os direitos do homem representam as regras mínimas que devem ser respeitadas pelos governantes para que uma vida digna e justa seja possível.

Na declaração conhecida como **DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS**, tais conceitos foram produzidos ao longo dos séculos para serem vividos e obterem um largo consenso internacional, superando, mesmo, as crises provenientes das diferenças entre as culturas. A partir da proclamação desta Declaração ficaram pressupostos certos direitos e garantias para as pessoas em todos os países. E, ao mesmo tempo, passou a existir um parâmetro para orientar as Constituições.

Fazer valer esta Declaração tem sido um desafio enorme, ou seja, neste mesmo sentido, garantir direitos primários a todas as pessoas. Deve-se lembrar que, desde o início, em sua confecção, inúmeros países estavam deixando uma grande guerra que abalou as relações no ocidente e oriente, na qual inúmeras vidas foram destruídas. Era a II Guerra Mundial, encerrada oficialmente em 1945.

Um dos conceitos que perpassa toda a Declaração é o conceito de PESSOA. Compreender que todo ser humano é diferente dos objetos, que possui natureza própria, além do direito de ir e vir livremente, exigiu (e ainda exige) do chamado “mundo livre” um grande amadurecimento. Entretanto, ainda se percebe que existem exclusões sociais: racial, de gênero, religiosa e cultural; que atu-





am no cotidiano das sociedades, apesar da existência de iniciativas como esta Declaração.

Uma segunda idéia contida no documento desta Declaração é o de DIGNIDADE HUMANA, que para muitos pesquisadores é sinônimo de direitos humanos. É o reconhecimento da singularidade do outro, de compreender que cada um e, ao mesmo tempo, todos possuem o direito de definir as suas próprias ações. Significa que existe o direito à integridade moral, de que ninguém possui o direito de tratar mal, de menosprezar, outro ser humano. Assim, está implícito nesta segunda idéia o direito à liberdade pessoal, civil e jurídica: todos podem expressar-se, reunir-se, manifestar-se, associar-se e participar politicamente, defendendo suas idéias.

A seguir alguns artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos:

[...] Artigo VII - Todos são iguais perante a lei e têm direito, sem qualquer distinção, a igual proteção da lei. Todos têm direito a igual proteção contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação.

Artigo XVIII - Toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em particular.

Artigo XXVII - Toda pessoa tem o direito de participar da vida cultural da comunidade, de usufruir as artes e de participar do processo científico e de seus benefícios [...]

Exatamente por todos serem PESSOA com DIGNIDADE é que há direitos e deveres universais que denotam a IGUALDADE de todos nas inter-relações sociais. Esta é a terceira idéia proposta pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, desdobrada em uma série de direitos, como os econômicos, os sociais e os culturais, implicando a recusa de toda e qualquer discriminação entre os seres humanos.

Dentro deste contexto, um quarto conceito é explicitado, o de SOLIDARIEDADE. Este evidencia a interdependência dos seres humanos e a necessidade de harmonia entre todos, evitando ou redu-



zindo os sofrimentos nas relações. Assim, todos são responsáveis por todos, construindo um novo modo de co-habitar neste planeta: o espaço em que os seres humanos vivem conjuntamente a outras espécies.

Diante destes conceitos e perspectivas criou-se a noção de que os crimes contra a humanidade são crimes imprescritíveis. Em decorrência disso, foi organizado um Tribunal Penal Internacional em Haia (Holanda) para julgar ações contra a comunidade humana. É preciso lembrar que o grande objetivo desta Declaração é que seja construída uma grande cooperação entre os povos, as diversas culturas, para que exista um estado de dignidade, bem-estar e liberdade para todos os membros da humanidade, individual e coletivamente.

Estas idéias contidas nesta Declaração não surgiram pontualmente em 1948, foram construções históricas, lentamente lapidadas pela humanidade, ou seja, outros passos foram necessários antes desta Declaração. A Declaração da Independência dos Estados Unidos (1776), assim como a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (26/8/1789), proclamada na Assembléia constituinte francesa, no contexto da Revolução Francesa, são alguns exemplos que perfazem a maturação, a construção histórico-crítica, das idéias contidas no instrumento da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Estas duas Declarações exprimem a igualdade de todos perante a Lei, situação até então, de suas promulgações, não existente, garantindo os direitos individuais à liberdade, à propriedade, à segurança e de resistência à opressão.

Como tudo na cultura humana é uma construção, pode-se dizer que a Declaração Universal dos Direitos Humanos possui uma história que a antecede, assim como também dos conceitos que articulam seus artigos. Muitos desses artigos e conceitos possuem o desafio de viabilização das relações interpessoais e, de maneira especial, das relações internacionais, promovendo uma modalidade de convivência e desenvolvimento. A Declaração não está concluída, só se efetivará na prática, tomada na forma da inter-relação das diversas comunidades e apregoada no cotidiano.





A partir destes elementos, é que se propõe pedagogicamente compreender a diversidade como uma realidade essencial e o respeito a esta um dever de todos na formação das comunidades. É aí que entra a disciplina escolar de Ensino Religioso na vida do educando, pois uma destas formas diferenciadas de ser encontra-se no direito de crer ou não, de participar ou não de um grupo religioso, de compreender o sagrado ao seu modo, o do seu culto, da sua cultura. Por isso, entender as legislações, suas histórias e seus significados para a devida inter-relação entre os indivíduos sociais pode ser o primeiro passo para a efetivação do Ensino Religioso enquanto disciplina que se propõe epistêmica, aliada na formação integral do conhecimento.

1.3 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

No intuito de se incrementar a disciplina de Ensino Religioso como uma disciplina de conhecimento (não de prática catequética), que tem como indicativo escolar dimensionar o propósito das inter-relações sociais humanas de respeito às variadas formas de existir, é que se propõe refletir com os educandos princípios significativos da Declaração Universal dos Direitos Humanos: PESSOA – DIGNIDADE – PESSOA com DIGNIDADE (o que infere a IGUALDADE) – SOLIDARIEDADE.

Para tanto, indica-se um percurso de ações que favoreçam alcançar esse objetivo de inter-relação do diverso. Inicialmente, é possível a leitura de alguns artigos do texto da Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão, com uma posterior reflexão por parte da turma, buscando esclarecer termos e idéias deste documento. Ao relacionar os conteúdos deste documento com situações contemporâneas, percebe-se a desarmonia entre os conceitos e o modo de pensar de hoje e as idéias de respeito e equidade. É uma oportunidade para mostrar a guinada que questões contextuais perfazem na opinião que se pode ter das coisas, pois a aparente contradição desta Declaração é devida ao contexto histórico dos alunos hoje, da sociedade contemporânea, que é diferente do contexto da Revolução Francesa (no qual foi promulgado). Também cabe uma analogia às crenças e tradições contextuais das organizações religiosas, caracterizando que, em certa medida, é o que acontece nas diferenças entre as tradições religiosas: o que parece divergen-



te entre as religiões pode ser somente um contexto de como se vê o sagrado, de como ele foi constituído em cada momento histórico na formação das organizações religiosas, verificando-se, neste contexto, os lugares e a cultura em que cada povo constituiu sua crença religiosa.

Outra proposta possível de encaminhamento metodológico é fazer a memória de fatos antigos, mas que ainda continuam a existir, mesmo de forma velada, em nossa sociedade. Sugere-se, por exemplo, o levantamento histórico sobre os processos de perseguição, como tortura e silenciamento, a que foram submetidas diversas pessoas que pensaram diferente dos modos institucionalizados de uma época (no Brasil, por exemplo, o Estado Novo e o Regime Militar). Processos que, ainda hoje, podem ser identificados em diferentes momentos, muitas vezes assumindo formas aparentemente mais tênues do que as empregadas em regimes políticos totalitários, mas que ferem o direito de expressão das convicções do cidadão: atitudes de desrespeito aos homossexuais, aos que professam outra religião, aos negros, aos imigrantes, etc. Isso pode ser realizado com uma visita à biblioteca e com pesquisas em jornais e revistas da época, por exemplo.

Neste sentido, e adentrando nos meandros do tema da disciplina de Ensino Religioso, pode-se trabalhar a aquisição de consciência sobre os atos de desrespeito aos símbolos das diferentes tradições religiosas, como as imagens religiosas católicas, aos objetos simbólicos do culto dos afro-descendentes ou, ainda, a imitação debochada e estereotipada dos povos indígenas; manifestações que implicam em profundo desrespeito à diversidade e às manifestações que concretizam ou concretizariam esta diversidade. Após se definir os temas que serão discutidos neste tópico, o professor poderá organizar uma reflexão com os educandos procurando destacar o mérito da PESSOA (que acredita em uma tradição religiosa), a DIGNIDADE (de cada um em poder escolher e viver sua tradição religiosa), a SOLIDARIEDADE (e o valor de poder auxiliar a existência do outro, o que implica em permitir o outro ser o outro, isto é, em ter sua autonomia de ser, abarcando nisso suas crenças e suas peculiaridades) e a IGUALDADE (de todos poderem ser pessoas com dignidade, com direitos e deveres pertinentes a cada CIDADÃO, membro





e construtor da sociedade num processo histórico que desenvolve e educa).

O resultado desta reflexão poderá ser a solicitação de um maior aprofundamento dos fatos (leis e fundamentos que intercedem pela igualdade, pelo respeito à diversidade, e os eventos da realidade que contradizem esta base para as leis sociais) por meio da pesquisa em revistas, livros, Internet, entre outras fontes. Pode ser igualmente interessante organizar um cronograma dos temas e subdividi-los em grupos para conduzir toda esta reflexão. Também poderá ser feita a construção de um painel com os elementos pesquisados, através de desenhos e/ou fotos dos fatos discutidos, sem se esquecer de acentuar os princípios do respeito à diversidade e da expressão desta, mantendo como base, neste sentido, a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Ampliando o encaminhamento metodológico da idéia de se fundamentar o respeito, pode-se realizar trabalhos de pesquisas sobre outras Declarações que intentam instituir o respeito (direitos e deveres) sobre temas importantes à sobrevivência humana. Neste âmbito, a Declaração Universal dos Direitos do Ser Humano, Declaração dos Direitos Sexuais, Declaração Universal dos Direitos da Água, Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes, Declaração dos Direitos da Criança e do Adolescente, Declaração dos Direitos dos Animais, entre outras, podem ser estudadas e ajudarem no processo de conhecimento da importância do respeito à diversidade do mundo.

Outra possibilidade é pesquisar na sala as principais tradições religiosas dos educandos e as que estão presentes na comunidade onde a escola se insere. Ainda, elaborar um relatório sobre o resultado da pesquisa, procurando organizar uma exposição sobre a identidade destas tradições. Por exemplo: em que acreditam, como são seus líderes, que livros são lidos, dentre outros itens que poderão compor um roteiro de pesquisa. Também se pode catalogar uma relação de outras tradições/organizações religiosas que não foram contempladas na pesquisa. O resultado será uma exposição da diversidade na própria escola. Assim, os alunos poderão relacionar os principais aspectos destas tradições (como a história, os



rituais, os textos sagrados, etc.) aos fundamentos estudados sobre a importância do respeito, caracterizados em Declarações, como forma de tomada de consciência do direito de expressão religiosa.

Estes levantamentos podem ajudar a compreender as diferentes formas de relação entre os grupos e construir coletivamente com os educandos a “Declaração de Direitos da Turma”, procurando evidenciar aspectos de respeito à diversidade de crenças e modos de ser e pensar. Esta atividade poderá mostrar aos alunos que a construção de uma devida inter-relação social é feita por todos, tanto em ambientes menores, como a família e a sala de aula, como em amplitude maior, como em toda a sociedade, não sendo esta construção somente efetivada por leis, normas e Declarações feitas em contexto universal, mas efetivada em seus cotidianos, entendendo e respeitando o outro, o seu próximo que está próximo.

Desta feita, agora num contexto mais próximo à realidade em geral da escola pública, de grande parte da sociedade, e visando compreender a reflexão sobre o direito à diversidade cultural religiosa, é possível propor uma reflexão a partir da poesia feita em 2003 pelos “meninos de rua” da Fundação Educacional Meninos e Meninas de Rua Profeta Elias (Mandirituba – Paraná), uma ONG sem fins lucrativos que dá assistência e educação integral a crianças e adolescentes das classes menos favorecidas, principalmente das ruas de Curitiba e Região Metropolitana.

Nós também amamos a vida. Nós também queremos viver.

Para vocês a vida é bela/ Para nós é favela

Para vocês carro do ano/ Para nós resto de pano

Para vocês o luxo/ Para nós o lixo

Para vocês escola/ Para nós pedir esmola

Para vocês ir à lua/ Para nós morar na rua

Para vocês coca-cola / Para nós cheirar cola





Para vocês avião/ Para nós camburão
Para vocês academia/ Para nós delegacia
Para vocês piscina/ Para nós chacina
Para vocês imobiliária/ Para nós reforma agrária
Para vocês compaixão/ Para nós organização
Para vocês tá bom, felicidades/ Para nós... igualdade
Nós também amamos a vida
Nós também queremos viver!

(http://www.mj.gov.br/sedh/dpdh/gpdh/ddh_bib_inter_universal.htm)

Como atividade, pode-se reescrever a poesia abordando os problemas da comunidade em que os alunos estão e, ao mesmo tempo, explicitando que princípios da Declaração Universal dos Direitos do Homem estão sendo negados. Especular, a partir do feito estudado e aprendido sobre os fundamentos que dão suporte ao respeito das peculiaridades humanas, o que é possível ser realizado para alterar o cenário em que estão vivendo. Também é possível a produção de textos sobre "Como fazer acontecer o respeito à diversidade" ou, ainda, "Como é possível a escola ajudar a comunidade a se inter-relacionar melhor?".

Essas são apenas algumas possibilidades de encaminhamento pedagógico baseadas nas perspectivas que apresentam as Diretrizes Curriculares de Ensino Religioso no tocante à Diversidade. Está-se em processo de substancialização dos fundamentos das Diretrizes, logo muitos outros encaminhamentos irão aparecer ao longo desta construção pedagógica. No momento, espera-se que já se possa, em alguma medida, provocar e sensibilizar não apenas uma série, mas toda a instituição sobre os novos moldes a que se propõe a disciplina de Ensino Religioso.

Unidade

2

Declaração universal dos direitos humanos

“Toda pessoa tem o direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em particular.”

(Art. 18)

LUGARES SAGRADOS



Os lugares sagrados compõem a dimensão da materialidade do sagrado, pois reúnem aspectos físicos que orientam a paisagem religiosa. Assim, para se continuar a construir as idéias propostas nas Diretrizes Curriculares de Ensino Religioso no que se reporta a posição desta disciplina enquanto transmissora de conhecimento científico, que procura efetivar um estudo crítico dos princípios, hipóteses e resultados do conhecimento já constituído a respeito da cultura (do culto) social e de sua ampla diversidade e que visa a determinar os fundamentos lógicos, o valor e o alcance do sentido do fenômeno religioso para o ser humano. Neste tópico, buscar-se-á mostrar alguns exemplos que possam aferir a dimensão do entendimento do que possa vir a ser um lugar sagrado.



www.richard-seaman.com

FIGURA 4: Templo Bahá'í

Para tanto, pode-se observar que muitas pessoas, de diferentes religiões, estabelecem lugares como sagrados. Sendo o sagrado reconhecido em suas manifestações, os lugares onde esta manifestação se deu ou se dá é considerado como um lugar especial, um lugar de profunda e intensa emanção espiritual ou, ainda, pode compreender um lugar onde o indivíduo realiza práticas de cunho religioso e busca o desenvolvimento de sua espiritualidade. Certas culturas religiosas, tais como, por exemplo, as indígenas, têm uma relação cotidiana com o que é sagrado. Já para outras tradições religiosas, o sagrado está em oposição ao profano. Tem-se aqui uma relação de opostos. O cristianismo, por exemplo, é uma religião que aponta constantemente para a existência de polaridades: Deus e diabo, lugares sagrados e lugares profanos, santidade e pecado, etc.

Há muitas possibilidades de compreensão e de classificação dos lugares sagrados. De maneira sintética, pode-se dizer que se dividem em: lugares construídos pelo ser humano e lugares da natureza. Todas as casas de reza da população indígena, igrejas dos cristãos, mesquitas islâmicas, sinagogas dos judeus, terreiros de



candomblé e umbanda, Ashrams e templos hinduístas, entre outros, são exemplos de lugares sagrados construídos pela mão humana.

Em suma, o traçado, a configuração física religiosa, transmite mensagens sobre o entendimento que determinada cultura religiosa faz do culto ao transcendente e ao sagrado. Percebe-se que este traçado de arquitetura religiosa transmite, através de suas formas, o que está para além delas, configurando uma passagem para que se estabeleça, religue, o contato entre o mundo humano e o divino.

Também são tidos como lugares sagrados algumas cidades. Sabe-se, entre outros casos, que todo islâmico deve fazer o possível para, pelo menos uma vez em sua vida, visitar a cidade sagrada de Meca. Jerusalém também se configura nos moldes de uma cidade sagrada, como também a cidade inca, construída com pedras, denominada Machu Picchu (Peru), entre outras.

Além das cidades, apresentam-se como lugares sagrados construções como capelinhas, certas casas, alguns túmulos, etc. Existem verdadeiras peregrinações a certos túmulos, considerados como lugares privilegiados de contato entre os vivos e uma determinada pessoa que já faleceu e que, crê-se, é capaz de agir sobre a vida dos vivos, ajudando-os em suas dificuldades; ou, mesmo, por se tratar de um túmulo de um ser humano que é tido como um exemplo em vida a ser seguido e, por isso, a ser venerado, logo se tornando sagrado o monumento, a construção, que intenta eternizar a memória dessa pessoa.

Neste mesmo sentido, a casa de algumas pessoas, tidas como seres de alta evolução espiritual, pode também ser local sagrado, como, por exemplo, a casa de Aurobindo (sul da Índia), um Guru que viveu uma vida dedicada à orientação espiritual de seu povo. Considerada como um lugar sagrado, sua casa é visitada diariamente por pessoas que acreditam que a meditação realizada em contemplação e em contato com a interioridade da habitação do mestre poderá trazer-lhes enlevo espiritual e cura.

Por outro lado, também são considerados lugares sagrados aqueles que se encontram na natureza e que para existir não sofreram a intervenção humana. O rio Ganges, por exemplo, para os hinduístas





é um rio sagrado, no qual as pessoas se banham e realizam suas devoções a fim de receber a energia espiritual que lhes facultará uma vida de evolução.

A pajelança, ritual indígena, também é outra manifestação religiosa humana que se vale dos lugares sagrados da natureza. Certa cura ou certa passagem de estágio da vida pode advir do fato de a pessoa ficar em determinado lugar na natureza, onde receberá ensinamentos necessários e onde se realizará o seu processo de transformação.

Também há lugares sagrados configurados a partir da presença de certas coisas consideradas sagradas. Um exemplo disto é a árvore Baobá, árvore que os negros trouxeram para o Brasil no tempo da escravidão, é uma árvore sagrada para os candomblecistas. Esta árvore é considerada “planta da vida”, pois vive entre 700 a mil anos. Assim, para os candomblecistas, o espaço que ela ocupa se torna sagrado por conta de sua existência, pois adquire um significado sagrado, já que os remetem à consciência histórica de seus antepassados.

Até mesmo alguns caminhos ou trilhas podem ser considerados sagrados, como é o caso da peregrinação na Espanha rumo à Santiago de Compostela. Conforme alguns relatos, este pode ser um percurso sagrado, pois muitos peregrinos relatam uma transformação interior intensa.

O caminho de Santiago de Compostela é considerado pelos historiadores uma das rotas mais antigas do mundo no quesito peregrinação. Localiza-se no norte da Espanha, na região de fronteira próxima à França, e o trajeto possui cerca de 700 quilômetros. O caminho leva esse nome em homenagem ao padroeiro religioso da Espanha: Tiago, um dos doze apóstolos de Jesus Cristo.

Os peregrinos, que refizeram o caminho de São Tiago, consideram que o mais importante não é percorrer todo o trajeto de cerca 700 quilômetros, mas, sim, estar nele. Segundo os historiadores, foi essa região do globo que Tiago escolheu para levar a palavra de Cristo após sua morte. Possuidor de um espírito aventureiro, Tiago teria levado sua mensagem de fé do interior do país ao litoral, depois retornando à Palestina.



Tiago foi decapitado pelo rei judaico Herodes Agripa, na cidade de Cesaréia, o qual proibiu que o corpo fosse enterrado; assim, seu corpo foi jogado para fora dos muros da cidade. Porém, antes de morrer, Tiago havia pedido a dois discípulos que gostaria de ser enterrado na região da Ibéria, uma das províncias do Império Romano. Desta forma, seus discípulos, Teodoro e Atanásio, recolheram seu corpo e prosseguiram viagem com o intento de realizar o desejo do mestre.

O corpo do apóstolo Tiago foi enterrado em um bosque denominado Libredón, na cidade de Iria Flavia, hoje Padrón. O local caiu no esquecimento até o ano de 813, quando um eremita chamado Pelayo, que, segundo a lenda, guiado pelas estrelas chegou ao exato local no bosque de Libredón onde estava enterrado Tiago. O percurso trilhado pelos dois discípulos é o hoje conhecido caminho de Santiago de Compostela.

Em Bali (Indonésia) as montanhas e os vulcões são consideradas como "Lar dos Deuses". Também no Brasil algo semelhante acontece. Em Goiás, por exemplo, existe uma montanha considerada por certos místicos como um lugar privilegiado de concentração de energia transcendente. A montanha recebe a visita de grupos de pessoas que, ao subi-la, acreditam estar trilhando uma jornada espiritual que as levará a um maior contato consigo mesmas e com a "Divina Mãe", que é a natureza, fonte sublime de toda vida.



Fonte: SOUZA, 2006

FIGURA 5: A Montanha



A disciplina de Ensino Religioso intenciona a compreensão epistêmica dos aspectos espaciais que configuram a cultura das tradições religiosas. A partir da percepção e reconhecimento dos dados que estabelecem pontos de contato entre o humano e as suas idéias sobre o divino, caracteriza a forma específica de cada religião sacralizar o espaço.

2.1 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

A fim de que se possa desenvolver um encaminhamento metodológico pertinente ao conteúdo deste tópico, Lugares Sagrados, é importante considerar a possibilidade inicial de um trabalho concreto sobre o conceito de sagrado. Lembrando, sempre, que o mesmo é apontado nas Diretrizes Curriculares para o Ensino Religioso como o objeto de estudo da disciplina, como o foco do fenômeno religioso, uma das facetas da diversidade das manifestações humanas.

Neste sentido, para compreender o que sejam lugares sagrados é essencial o processo pedagógico de clarificação dos conceitos. Sugere-se, para tal, que se apresente aos estudantes, ou que estes tentem lembrar, alguma música que tenha a palavra “sagrado” no texto de sua letra. Como exemplo, veja-se a música “Amor de Índio”, de Beto Guedes e Ronaldo Bastos, a qual a idéia de que tudo aquilo que se move no mundo é sagrado, apontando, deste modo, para uma concepção de sagrado bastante ampla, que compreende a vida em todas as suas formas.

A partir do texto da letra da música, o professor poderá conduzir a uma reflexão acerca dos conceitos de sagrado e de profano. Os educandos podem citar lugares sagrados construídos pelo ser humano, como igrejas, templos, cemitérios, etc. e lugares sagrados da natureza, como um rio sagrado, uma montanha, etc. Poderão também, mais tarde, elaborar um cartaz no qual coloquem exemplos, sob a forma de desenho e pintura ou recortes, de lugares sagrados construídos e de lugares sagrados da natureza.

Outro encaminhamento pode ser a apresentação da seguinte questão: “Você sabia que as Cataratas do Iguazu formam um lugar não apenas muito belo mas também sagrado?”. Para se dimensionar esta reflexão se pode mostrar aos alunos a estória da lenda indígena brasileira (Nação Kaingang).



Figura 6: Cataratas do Iguazu



Fonte: Free stock photo www.sxc.hu

UM IMPOSSÍVEL AMOR: AS CATARATAS DO IGUAÇU

No mundo há a constante luta entre o Bem e o Mal e para garantir a vitória do Bem na primavera uma bela jovem da aldeia era oferecida para casar com o Mal. Um dia Naipi, a lindíssima filha do cacique, foi a escolhida.

Quando os preparativos do casamento iam avançando, Naipi conheceu Tarobá, um valente guerreiro, também muito bonito. Os dois se apaixonaram imediatamente e não puderam controlar este amor.

Fizeram juras de amor e fugiram em uma canoa na véspera da festa do casamento de Naipi com o Mal. Mas o Mal, com todo o seu poder, sabia de tudo e se vingou. Quando os dois estavam descendo pelo rio, felizes em sua canoa, viram o Mal na forma de uma grande serpente que se retorcia no espaço e se lançava com força no meio do rio. O estrago da ira do Mal foi enorme e uma cratera se abriu no fundo do rio. As águas todas se precipitaram





nesta cratera, inclusive Naipi, Tarobá e a canoa. Foi assim que se formaram as cataratas do rio Iguazu.

O Mal ainda fez mais, transformou Tarobá numa palmeira no alto das quedas e Naipi numa pedra no fundo das águas, na mesma direção de Tarobá. Assim, pensava o Mal, cada um dos dois ficará eternamente a se contemplar sem poder chegar perto um do outro ou trocar um abraço. Porém, a história provou que o Bem sempre triunfa sobre o Mal, pois o amor venceu, de alguma forma. Quando o vento minuano vem assobiando do lado sul, ele sacode a copa da palmeira e Tarobá aproveita para enviar a Naipi sussurros de amor. Quando chega a primavera, lança flores de seu cacho para saudá-la com ternura. Naipi tem um véu formado pelas águas limpas e brilhantes que lhe adorna a fronte e a consola. O arco-íris, de tempos em tempos, une a palmeira com a pedra e este é o momento sagrado da realização do amor dos dois. O fogo eterno da paixão que vive em Tarobá e Naipi se realiza a cada arco-íris que surge.

(BOFF, Leonardo. **O casamento entre o céu e a terra: contos indígenas do Brasil**, Rio de Janeiro: Salamandra, 2001).

As cataratas do Iguazu formam um lugar sagrado e os lugares sagrados contam histórias sobre Deus ou deuses, sobre pessoas especiais, sobre sentimentos de bondade e de amor, entre outros sentimentos. Sugere-se que o professor proponha aos alunos para identificar na comunidade os lugares sagrados existentes.

Esta pesquisa poderá ser feita por meio de entrevistas com as pessoas que moram no bairro e também com o estudo do meio, pois devem existir templos, igrejas ou outros espaços sagrados que podem ser vistos pelos alunos.

Poderá, ainda, haver a sociabilização dos resultados das atividades de pesquisa a partir da reflexão sobre as seguintes questões:

- Qual é o tipo de comportamento que devemos ter quando estamos circulando em espaços sagrados, mesmo que este espaço se refira a uma tradição religiosa completamente diferente da qual se pertence?



- Quais são os símbolos sagrados identificados e o que eles significam?
- Quais as características, a sua organização e normas, identificadas em cada um desses lugares sagrados?

Para dar continuidade a esse conteúdo, outra possibilidade é apresentar e refletir, em forma de questões ou produção de texto, os seguintes textos:

CASA DE CANDOMBLÉ

O Ilê é a casa de candomblé, também conhecida como roça ou terreiro. É o lugar sagrado que está sob os cuidados de um Babalorixá (homem) ou de uma Yalorixá (mulher) e sob a proteção principal de um orixá. Os orixás são elementos de ligação entre os candomblecistas e Oxalá. Os orixás se relacionam diretamente com as energias da natureza.

Em Curitiba aconteceu uma reunião na qual seguidores do candomblé se encontraram para discutir problemas específicos de suas comunidades. Em certo momento, um homem se levantou e disse que em sua cidade eles estavam trabalhando em um projeto de recuperação da natureza, principalmente na despoluição dos rios. Afirmava que se a natureza estiver morta, os orixás também estarão e com isto a religião afro-brasileira também.

Pode-se perceber aqui a relação do espaço sagrado dentro de religiões como esta, que se situa para além da casa de candomblé e que se estende por toda a natureza. Cuidar e proteger a natureza significa honrar os seus ancestrais e os seus orixás.

O RIO GANGES: UM RIO SAGRADO DA ÍNDIA

Há, em um país do oriente, chamado Índia, um rio bastante importante: o rio Ganges. Segundo uma das histórias mitológicas sobre o surgimento deste rio, conta-se que se originou nos céus. São águas que descem do céu e correm para terra. Conforme o mito, acredita-se que seja um lugar de travessia, de ligação de um





ponto com o outro, do mundo terreno com o divino. O rio Ganges é então considerado o mediador entre essas duas dimensões, o mundo material e o mundo espiritual. Por isso, muitos mortos são cremados em suas margens e as cinzas entregues ao rio.

O rio Ganges não é o único rio sagrado do mundo, existem muitos outros, porém, este rio conquistou fama mundial e não são poucos os turistas que vão até a Índia para conhecê-lo.

Acreditando nos poderes misteriosos do rio, muitos hinduístas, seguidores da antiga religião nativa, procuram fazer suas devoções enquanto se banham em suas águas, as quais acreditam serem capazes de trazer purificação espiritual e física.

Unidade

3



“A regra de ouro consiste em sermos amigos do mundo e em considerarmos toda família humana como uma só família. Quem faz distinção entre os fiéis da própria religião e os de outra, deseduca os membros da sua religião e abre caminho para o abandono, a irreligião”.

Mahatma Gandhi

**TEXTOS ORAIS E ESCRITOS –
SAGRADOS**



Os textos sagrados são uma forma de expressar e disseminar os ensinamentos das diversas tradições/manifestações religiosas. Ao articular os textos sagrados, por exemplo, aos ritos, às festas religiosas e às situações de nascimento e morte, as diferentes tradições/manifestações religiosas visam criar mecanismos de unidade e de identidade do seu grupo de seguidores, de modo a assegurar que os ensinamentos sejam consolidados e transmitidos às novas gerações e aos novos adeptos. Podem ser retomados em momentos coletivos e individuais para responder às problemáticas do cotidiano, bem como para orientar a conduta de seus seguidores. Diversificadamente, todas as pessoas, particularmente ou em sociedade, procuram, dentro de suas possibilidades e contingências, caminhos para bem conduzir a vida. Por isso é que se deve ter em mente a necessidade de se respeitar os rumos encontrados por cada um. Os textos sagrados dentro da disciplina de Ensino Religioso devem ser abordados de forma a fazer claro esta realidade; fomentando, assim, a prática da diversidade cultural e religiosa.

Entendendo esta perspectiva, os textos sagrados registram os fatos relevantes da tradição/manifestação religiosa: as orações, os sermões, a doutrina, a história, etc. Constituindo-se, desta feita, o fundamento no substrato social, tanto no cotidiano coletivo como na orientação das práticas religiosas, da crença de seus seguidores. Assim, o que caracteriza um texto como sagrado é o reconhecimento, pelo grupo que o acolhe, de que transmite uma mensagem ou, ainda, de que favorece uma aproximação, uma religação, entre os adeptos e o sagrado.

A compreensão, a interpretação e a significação do texto podem ser modificadas, conforme a passagem do tempo para corresponder às demandas do tempo presente, contextualizando-se a cada momento. Pode, também, sofrer alterações de juízo, de conceitualiza-



Fonte: BIACA, 2006

Figura 7: Texto sagrado



ção, causadas pelas diversas interpretações secundárias, diferentes das intenções do texto original.

Pesquisadores das tradições religiosas, como Luiz Alberto Souza Alves, Silvyo Fausto e outros, definem que texto sagrado é, também, a tradição e a natureza do sagrado enquanto fenômeno. Neste sentido, o sagrado é reconhecido por meio das Escrituras Sagradas, das Tradições Orais Sagradas. Igualmente, define-se como Texto Sagrado aquele concebido por inspiração, por “intervenção divina”, e que represente o sagrado. Um texto sagrado, enfim, pode ser o resultado da revelação de uma mensagem do sagrado para a humanidade, ou seja, a manifestação do Transcendente ou Imanente transmitida de forma sensivelmente humana: objetiva, em certa medida, pois o homem é, entre tantas qualidades, um ser racional, mas comportando, ao mesmo tempo, alto grau de subjetividade, já que, igualmente, é um ser emocional.

O sagrado expresso e comunicável está presente nas mais diferentes tradições religiosas, apresentado sob muitas formas. Culturas ágrafas, por exemplo, possuem o texto oral, que, pela chegada da escrita, foi ou não registrado.

Os textos sagrados nascem do mito, pois, nesta forma simbólica de expressão, as pessoas buscam encontrar explicações para a sua realidade, orientações para a vida e para o pós-morte.

Ainda hoje, há algumas tradições religiosas que se utilizam da oralidade, como, por exemplo, as culturas nativas, as indígenas, as australianas (aborígenes), as africanas, entre outras. Nestas, a oralidade é o meio utilizado para repassar os ensinamentos revividos em diferentes rituais. Apesar de algumas dessas culturas dominarem a escrita, preferem preservar o texto oral para que a mensagem divina não perca a sua essência.

Outras tradições religiosas, com o advento da invenção da escrita, fizeram a opção de escrever os seus textos sagrados, como forma de garantir a preservação de seu conteúdo. Entre as tradições com registro escrito dos textos sagrados tem-se, por exemplo, a judaica, a cristã, a muçulmana, etc.





Essencialmente, os textos sagrados desenvolvem os pressupostos básicos da vida em comunidade e colocam o homem diante da interpretação da manifestação do sagrado que seu grupo incorpora, de forma institucionalizada, organizada. São nos textos sagrados que são preservados todos os princípios doutrinários que orientam as tradições religiosas e as culturas, a sociedade, que pertencem.

Estes fundamentos dos textos sagrados não nascem prontos e acabados. São, invariavelmente, uma construção histórica de um povo, de uma civilização, conforme o juízo crítico de sua forma de vida na concretude da vida terrena. Vêm, inicialmente, da experiência e são transmitidos de maneira oral ou escrita (pergaminhos e papéis, etc). Muitas tradições religiosas, ao realizarem essa transferência para a escrita, elaboram as normas e critérios para se preservar a fidelidade à originalidade do texto, para não serem descaracterizados.

Entre as funções dos textos sagrados, está também a tentativa de se manter os sonhos e utopias das pessoas. Os textos sagrados fazem com que elas mantenham vivas suas esperanças, seus ideais, acreditando ser possível realizar suas expectativas de construção de uma existência o melhor possível, enfim, de um mundo melhor.

A palavra escrita, ao ser interpretada, pode trazer um único sentido ou múltiplos sentidos, podendo ou não estar disponível a possibilidade de interpretação por parte dos fiéis ou seguidores. Para aquelas que argumentam que o texto não pode ser interpretado pelos fiéis, a revelação do divino é tida como única e inquestionável.

As diversas ciências que se dedicam a estudar as tradições religiosas, como um sustentáculo à ciência da religião, como a antropologia e a história, argumentam que, mesmo sendo inspirado pelo sagrado, o texto é escrito por mãos humanas, e esse humano pensa e reflete a sua cultura, a sua história, o meio social de seu tempo; transmitindo, assim, para o texto sagrado essas expectativas e sentimentos, de modo que se pode identificar uma certa "contaminação" humana na "inspiração divina". Por isso, ao ler os textos sagrados, muitas pessoas o analisam sob essa ótica: sem esquecer que, no texto sagrado, há também o sentimento humano de seu tempo, de seu contexto histórico e de crítica.



A essência do texto deve ser mantida, não se deve tirar esse preceito do foco de leitura, ou seja, ler entendendo o texto, tendo consciência que o texto reflete a expressão e interpretação do escritor, do mensageiro do divino, em seu tempo. Contudo, fielmente, os objetivos dos textos sagrados são sempre os mesmos: primeiramente, ser um alicerce da doutrina de fé, dependendo do pensamento da tradição religiosa; e, como segundo objetivo, firmar o sentido da vida e não perder o eixo de condução da existência. É a manutenção dos sonhos e esperanças dos homens em bem viver.

Há também o fato de que os textos sagrados são representados e manifestados, em algumas culturas, em comunicações expressadas nas pinturas de corpos (tatuagem), nas paredes das construções, nos quadros, nos vitrais, nos ícones, na combinação de sons e de ritmos, na harmonia das músicas, nas danças, na disposição dos objetos de culto e no rito. Enfim, os textos sagrados podem derivar em diferentes formas de linguagens, além daquelas tradicionais: escritas ou transmitidas pela forma oral.

A seguir, apresentam-se alguns textos sagrados de diversas tradições religiosas e suas características, como referência para o professor:

Corão: é o livro sagrado do Islã. Os muçulmanos acreditam que o Corão é a palavra de Deus revelada ao profeta Mohamed, comumente conhecido como Maomé, em Meca, quando estava meditando. Conta a história que, ao lhe ser revelado um verso da palavra de Deus, ele recitava as palavras exatas e seus seguidores escreviam onde podiam: pergaminhos, pedras e cascas de árvores. Para os muçulmanos, o Sagrado Corão é o mais importante livro de Alá (o Deus, segundo a nomenclatura muçulmana), já que acreditam conter as palavras exatas de Alá.

Este Livro, inicialmente, aborda a unicidade divina, o papel de Alá na história, o papel de Mohamed como seu profeta, o Juízo Final e a necessidade de ajudar ao próximo. Para os muçulmanos, o Corão é a maior dádiva de Alá à humanidade e a sua sabedoria é privilegiada. A escrita do texto é exposta em termos breves e o seu propósito sagrado consiste em preservar as revelações divinas, as





quais restauram a eterna Verdade de Alá, como guia para a humanidade ao caminho certo.

Páli Tripitakan: é conhecido como o principal Texto Sagrado budista, que significa o “Cesto Triplo” ou “Os Três Cestos da Sabedoria”. Conta a vida de Buda, o “Iluminado”, o príncipe Sidhartha Gautama, e reúne seus sermões. Páli é a língua na qual foram escritos os ensinamentos do Buda. Existem também outros livros sagrados, conhecidos como Sutras, com suas parábolas e histórias para explicar os ensinamentos do Buda e para falar de sua vida.

Durante aproximadamente 500 anos após a morte de Buda, os seus ensinamentos eram passados oralmente, de geração a geração. Somente mais tarde os textos foram escritos, quando, então, passaram a ser considerados sagrados.

O budismo se espalhou pelo mundo. Por isso, os seus respectivos textos sagrados tiveram de ser traduzidos para vários idiomas. Trabalho árduo realizado pelos monges, que o estudavam e que se encarregaram de os retransmitirem. Eles entoam, discutem e praticam os textos sagrados, o que perfaz uma característica importante da vida de todo monge budista.

Vedas: para os hinduístas, religião que nasceu na Índia, há muitos textos sagrados, e, entre tantos, estão estes, os quais contêm preceitos relativos à sua organização social, coletiva e individual. São quatro coleções de hinos, orações e fórmulas mágicas, chamados Vedas ou Escrituras Védicas. O mais antigo e mais sagrado é o Rig Veda, o “Filho do Saber”, com mais de mil hinos. Considerados os mais antigos livros sagrados do mundo, com aproximadamente 4000 anos. Os outros textos hindus de maior importância são as Upanixades e dois outros extensos poemas, o **Mahabharata** e o **Ramayana**.

Os Vedas e os Upanixades são chamados textos **Shruti**, “ouvidos”. Os hinduístas acreditam que um grupo de homens sábios os ouviram diretamente de Bhahma, o “Criador”, há muito tempo. Os outros textos são conhecidos como Shmiriti, “lembrados”. Foram compostos por pessoas e passados adiante durante milhares de anos. Nenhum destes textos sagrados foi escrito, foram decorados e passados adiante oralmente.



Bíblia: é o livro sagrado dos cristãos. Os cristãos acreditam que a Bíblia seja o ensinamento de Deus, escrito para orientá-los. A Bíblia inicia com o livro do Gêneses que narra a criação do mundo e termina com o livro do Apocalipse, que narra o fim dos tempos. É formada por uma coleção de vários livros, que hoje são utilizados por católicos e evangélicos, e foram escritos por diversas pessoas e em épocas diferentes. Os livros contêm cartas, mandamentos e histórias sobre as vidas das pessoas.

Figura 8: Bíblia



Fonte: www.rosario.org.mx/doctrina/sagradaescritura.htm

A Bíblia está dividida em duas partes principais, o Velho Testamento e o Novo Testamento. A palavra testamento significa aliança ou promessa. O Velho Testamento foi redigido em hebraico. Trata da história de Abraão e seus descendentes, da história do povo judeu. O Novo testamento narra a vida e os ensinamentos de Jesus, sua morte e ressurreição.

Tao Te Ching: o mais famoso e influente texto chinês da tradição taoísta, que significa o "Livro do Tao" ("Ordem do Mundo"). É tradicionalmente atribuído a Lao-Tsé, um velho sábio. Todavia, é impossível identificar com precisão a autoria da obra ou a data desse texto, mas, provavelmente, data do século VI a.C.

Tanach: é o nome da coleção dos livros que constituem o texto sagrado da religião judaica, dividido em três partes ou seções. **Torá** (Orientações ou Leis), o **Neviim** (Profetas) e **Kituvim** (Escritos). O rolo da Torá é usado com muita reverência e respeito e permanece na sinagoga dentro de um tabernáculo em um local de destaque.

Livro dos Espíritos, Livro dos Médiuns, Evangelho Segundo o Espiritismo, Céu e Inferno e A Gênese: estas são as cinco obras básicas de Allan Kardec, que foi o codificador da doutrina espírita. O conhecimento do espiritismo deve partir do estudo destas obras. Os espíritas não têm seus livros tidos como sagrados, mas deles se servem para estudo e aperfeiçoamento individual.

Kitáb-i-Aqdas: o "Mais Sagrado Livro" ou "Livro Sacratíssimo", é a principal obra de Bahá'í'u'llah, que contém as leis que guiam a comunidade Bahá'í. A literatura sagrada da Fé Bahá'í inclui a totali-





dade dos escritos de Bahá'í'u'llah, que constam mais de cem obras e os escritos do Báb, o precursor da Revelação Bahá'í, e Abdu 'I-I-Bahá, o intérprete autorizado das escrituras.

Muitas tradições religiosas não têm os textos sagrados de forma escrita, como foi mencionado anteriormente. Seus textos se mantêm na forma oral, entre elas podemos mencionar as indígenas e as afro-brasileiras (as principais são o Candomblé e a Umbanda).

Nas Tradições religiosas Afro-Brasileiras, nas quais a mensagem sagrada é transmitida de maneira oral, encontram-se mitos, lendas, canções, contos, danças, provérbios, adivinhações e ritos para explicar, vivenciar e perpetuar suas crenças e tradições.

Como estes exemplos mostram, o cerne principal dos textos sagrados são os seus ensinamentos, exemplificados e estruturados em mantras, hinos, encantos, magias e as fórmulas rituais, entre outros. Em suma, é assim que as inúmeras tradições religiosas se expressam e se colocam diante de suas comunidades, orientando-as e proporcionando uma identidade que estabelece coesão e sentimento de pertença ao grupo.



Figura 9: Tradição Oral

Fonte: www.upload.wikimedia.org

3.1 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

Conforme orientações das Diretrizes Curriculares do Ensino Religioso, é importante também o professor ter sempre em vista a correlação entre os conteúdos estruturantes, que são: os Símbolos, a Paisagem Religiosa e o Texto Sagrado. Isto é, apresentar os conteúdos deste tópico mostrando, como em qualquer outro, que este também faz parte do Conteúdo Símbolos e do Conteúdo Paisagem Religiosa; já que, neste caso os Textos Sagrados, em boa medida, explicam os Símbolos e se referem à Paisagem Religiosa.



Inicialmente, para este tópico, pode-se propor como encaminhamento metodológico uma pesquisa bibliográfica sobre os textos sagrados de diferentes tradições religiosas, procurando contemplar o maior número possível de textos sagrados, relacionando os nomes das tradições religiosas aos seus respectivos textos sagrados. Posteriormente, poderão ser elaborados cartazes, murais, colagens ou outras formas para expor na sala de aula e na escola o resultado da pesquisa. A pesquisa poderá ser elaborada tomando como base os exemplos de textos sagrados mencionados na fundamentação deste conteúdo. Ainda, poder-se-ia relacionar, nesta mesma idéia, algumas frases ou idéias importantes dos textos sagrados que são significativas em sua tradição religiosa e disponibilizá-las para toda escola. O professor pode propor também a leitura das frases dos textos sagrados, pois a oralidade é a base de sua origem, enfatizando-se, com isso, o quanto é importante nas tradições religiosas a expressão oral da mensagem sagrada.

A seguir, apresentam-se frases ou idéias de tradições religiosas que orientam os seus seguidores quanto à forma de se viver, que, fundamentalmente, são frutos do mesmo sentimento, o humano, e, por isso, estas orientações são muito próximas umas das outras. Observa-se que o conteúdo destas idéias é da esfera da alteridade, da importância do respeito ao próximo, que deve ser a base das inter-relações sociais. Por meio disto se pode dimensionar aos alunos a necessidade do respeito à diversidade de culto (cultural), à diversidade religiosa.

Hinduísmo: “Não faça aos outros aquilo que, se a você fosse feito, causar-lhe-ia dor”.

Budismo: “De cinco maneiras um verdadeiro líder deve tratar os seus amigos e dependentes: com generosidade, cortesia, benevolência, dando o que deles espera receber e sendo fiel à sua própria palavra”.

Judaísmo: “Não faça ao seu semelhante aquilo que para você é doloroso.”

Taoísmo: “Considera o lucro do seu vizinho como seu próprio e o prejuízo dele como se também fosse seu”.





Cristianismo: “Tudo quanto quer que os outros façam para você, faça-o também para eles”.

Islamismo (mulçumanos): “Ninguém pode ser um fiel até que ame o seu irmão como a si mesmo”.

Na prática pedagógica, ainda, pode-se organizar um cartaz, no qual os educandos poderão desenhar uma estante com vários livros, sendo que cada um deles constará o nome dos livros sagrados pesquisados pela turma.

Na conclusão do conteúdo, em sala de aula, o professor poderá pedir que os educandos escrevam no quadro negro frases ou palavras relacionadas ao estudo sobre os textos sagrados. Logo após, quando o quadro estiver repleto de frases e palavras, solicitar que produzam, em seus cadernos, textos a partir do que estiver exposto. Posteriormente, alguns alunos poderão compartilhar com toda turma algumas destas produções, expandindo, desta feita, uma das bases dos propósitos postulados pelas Diretrizes Curriculares para o Ensino Religioso: o respeito à diversidade das expressões da sensibilidade humana sobre o sagrado.

Unidade

4



Constituição brasileira

“É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e suas liturgias”.

(Art. 5º, inciso VI)

ORGANIZAÇÕES RELIGIOSAS



Fonte: AMORELLI, 2006

Figura 10: Diversidade religiosa

As organizações religiosas apresentam-se, muitas vezes, como sistemas institucionais que buscam manter um grupo de pessoas unidas em torno de práticas de fé comuns e orientações que regulam a vida da comunidade, não somente no sentido religioso, apesar de este ser o seu foco principal. As práticas e crenças comuns aproximam as pessoas em torno de um mesmo objetivo, estabelecendo sistemas mútuos de proteção e aproximação. Essas práticas de fé são conhecidas e vivenciadas pelos seus participantes.

O objetivo principal de uma organização religiosa é preservar as orientações contidas nos textos sagrados, as quais devem guiar o bem viver de seus seguidores. Ou seja, repassar as práticas e transmitir às gerações futuras a economia, a construção e manutenção do patrimônio financeiro das organizações religiosas, garantindo, por meio de uma ordem pré-estabelecida, o cumprimento de suas finalidades.

Os modos de organização das religiões variam muito. Algumas são organizadas em fortes hierarquias, com um controle centralizador, outras são menos organizadas e, ainda, há aquelas sem nenhuma organização sistematizada, sem grandes estruturas.

Para uma organização hierárquica se constituir, faz-se necessário um grande número de especialistas religiosos, conforme a configuração das tradições religiosas, como, por exemplo: sacerdotes,



feiticeiras, xamãs, pais-de-santo, pajés, gurus, irmãs, rabis, freiras, monges, papas, entre outros. Conforme a tradição religiosa, a lista é maior ou menor.

Toda organização religiosa possui sua estrutura hierárquica específica. Essas organizações são orientadas por um grupo de doutrinas e conhecimentos que surgem das práticas rituais e comportamentais vividas coletivamente nas comunidades ou, ainda, pessoalmente no dia-a-dia. As tradições religiosas também exprimem e sustentam as atitudes e conceitos diante do mistério da morte e do sentido da vida.

Em suas particularidades, as tradições religiosas têm características próprias e, assim sendo, cada uma possui um olhar próprio de compreensão e de busca do sagrado. Há em todas as organizações religiosas uma peculiaridade ímpar que se fundamenta na relação com o transcendente/imanente e que forma o conjunto de palavras e ações que exprimem e sustentam suas práticas religiosas.

É comum, na maioria das tradições religiosas, oferecer aos seus participantes a esperança de vida após a morte, o consolo e explicações para os problemas cotidianos, para as dores do dia-a-dia, além de proteção e orientações para as diversas situações que afligem seus seguidores. Os líderes e membros procuram educar as pessoas para uma vida baseada em determinados princípios espirituais, proporcionando, com isso, melhores condições de vida física, espiritual e social.

Alguns exemplos de organizações religiosas:

O **Islamismo** ou Islã, palavra que significa “submeter-se” – da mesma forma, muçulmano vem do árabe ‘muslin’: aquele que é subordinado a Deus – é uma religião que teve sua origem no Oriente Médio, no século VII d.C, com o Profeta Mohamed (de forma comum, Maomé). “A paz esteja com ele”, uma bênção repetida a qualquer menção de seu nome, mostra a reve-



Fonte: www.pbase.com

Figura11: Mesquita Muçulmana





rência que se tem pelo Profeta. O Islã inicia sua pregação indicando o modo de vida que Alá pretende para sua criação desde o início. Quando houve a revolta e o pecado humano Deus enviou o profeta para reconduzir as pessoas ao caminho correto, à religião.

O profeta Mohamed recebeu, na cidade de Meca, onde nasceu, uma mensagem que mudou a vida de muitos. As mensagens recebidas de Alá foram transcritas para o Corão. Em cem anos, o Islamismo se espalhou por todo o mundo conhecido, do Atlântico aos extremos da China. E continua sendo uma religião de rápida expansão, cerca de um quarto da população mundial é muçulmana. Os muçulmanos constituem quase a maioria absoluta nos países do Oriente Médio, da África Setentrional, em partes da Ásia Central e da Indonésia.

Outro exemplo de organização religiosa é o **Budismo**. Sidarta Gautama (Buda) foi seu fundador; ele abandonou toda a riqueza de sua família e buscou a 'iluminação', ou seja, tornou-se um Buda, um 'Iluminado'. Assim, passou a propagar seus ensinamentos por toda a Índia e, mais tarde, a tradição religiosa budista se espalhou por todo o mundo.

Buda nunca se intitulou um deus, mas dizia ser um anunciador do caminho que poderia levar os indivíduos a uma vida sem sofrimentos e à libertação dos seus males. Isso precisa acontecer individualmente, ninguém pode libertar o outro, cada um deve percorrer seu próprio caminho. Esse caminho acontece ao longo das vidas (reencarnação), até que o indivíduo alcance a iluminação e encontre o estado de felicidade plena (nirvana).

Para aqueles que seguem a tradição budista, as quatro verdades de Buda são fundamentais:

- A vida é sofrimento.
- A ambição causa o sofrimento.
- É possível acabar com o sofrimento.
- Trilhar o "caminho do meio" é a forma de acabar com o sofrimento.



O “caminho do meio” é a principal forma de o indivíduo se libertar da riqueza exagerada e da miséria exagerada. São oito os passos que o indivíduo deve seguir simultaneamente, sempre em conjunto. O “caminho do meio” também é chamado de “caminho óctuplo”.

1. Conhecimento correto.
2. Atitude correta.
3. Palavra correta.
4. Ação correta.
5. Ocupação correta.
6. Esforço correto.
7. Pensamento correto.
8. Meditação correta.

Uma outra tradição religiosa monoteísta – os seus praticantes acreditam em um único Deus – é o **Judaísmo**. Para os judeus Abraão é o pai do Judaísmo. Abraão recebeu de Javé (Deus) uma mensagem que era para sair da casa de seu pai (Terá) e ir para uma terra, a qual Ele – Javé – iria lhe mostrar. Essa seria a Terra Prometida (Canaã) e onde Abraão deveria ter a sua descendência estabelecida. Abraão e sua esposa Sara tiveram um filho chamado Isaque. Isaque casou-se com Rebeca e tiveram dois filhos: Esaú e Jacó. Jacó teve doze filhos, os quais foram os fundadores das doze tribos de Israel.

A guarda do sábado (shabat) é sagrada para a tradição judaica; é um mandamento de Javé. O sábado é o dia do descanso e o ritual começa na sexta-feira antes do pôr do sol e vai até o pôr-do-sol do sábado. E a Sinagoga é um lugar importante de encontro para estudos. Nela trabalham muitas pessoas, entre elas, o rabino que é o responsável pelos ensinamentos da tradição.

O **Espiritismo** é uma tradição religiosa mais recente. Tem como finalidade a transformação moral do homem, reinterpretando, para que sejam aplicados, de forma efetiva, na vida diária de cada pessoa, os ensinamentos de Jesus Cristo. É uma religião organizada dentro de padrões próprios. Para os espíritas, a experiência de contato com o Transcendente deve ocorrer “em espírito e em verdade”, por meio de prece do coração.





O Espiritismo possui alguns princípios básicos, sendo eles: imortalidade da alma, pluralidade dos mundos habitados, reencarnação, existência de Deus, esquecimento do passado, comunicabilidade dos espíritos, fé entendida a partir da razão, lei da evolução, lei moral.

Para os espíritas, Deus é a origem e o fim de tudo, é o criador, causa primária de todas as coisas. É a suprema perfeição, com todos os atributos que a imaginação humana possa conceber, e muito mais. Não é possível conhecer a sua natureza, porque ela é perfeita e as pessoas são imperfeitas.

Entre as diversas religiões orientais, encontra-se o **Taoísmo**, uma das religiões que surgiu na China. Inicialmente, era uma filosofia de vida, só depois de algum tempo assumiu um caráter religioso. Tao Chiao, ou o Taoísmo é o termo chinês que significa: “ensinamentos sobre o caminho”.

O Taoísmo enfatiza a necessidade de cultivar um modo de vida sóbrio e equilibrado. O corpo e a mente são um sistema de energia que consiste em um constante fluir da energia vital, o ch’i. Há uma estreita inter-relação entre corpo, mente e meio ambiente e, a partir desse princípio, desenvolveram-se várias técnicas médicas e terapias psicofísicas da tradição chinesa. O t’ai chi ch’uan incorpora os princípios taoístas expressos no livro Tao Te Ching. Consiste em concentrar a energia e trabalhar com ela da melhor forma possível. O t’ai chi é uma técnica que utiliza os movimentos da natureza para alcançar a harmonia entre o corpo e a mente.

As tradições religiosas **indígenas** possuem diferentes crenças, isso porque cada nação indígena possui tradição de crença própria, com seus ritos, cantos, danças, símbolos, pinturas corporais e mitos dentro de suas maneiras particulares de celebrar os importantes momentos da vida e de expressar a religiosidade.

Nas práticas religiosas indígenas há ritos com entoação de cantos, uso de instrumentos musicais, danças e bebidas preparadas com milho ou mandioca fermentada, entre outras substâncias. Também fazem uso de remédios preparados com ervas, quando alguém



adoece. A cura de enfermos é uma prática religiosa realizada pelos xamãs, que são os sacerdotes e também curandeiros.

Nas tradições indígenas os xamãs passam por rituais de iniciação no contato com o mundo dos espíritos por meio de prolongados tabus alimentares, isolamento na floresta ou na montanha e ingestão de bebidas específicas. Eles são considerados como guardiões da sabedoria dos antepassados, a qual é transmitida oralmente por meio de histórias simbólicas, os mitos. A criação do mundo, a origem da nação indígena, por exemplo, é explicada por meio do mito. Os mais velhos buscam preservar as suas memórias para lembrar os acontecimentos e ensinamentos dos antepassados de várias gerações.

As organizações religiosas **afro-brasileiras** ou afrodescendentes nasceram das tradições culturais trazidas do continente africano para o Brasil na época da escravidão. Os navios negreiros que chegaram entre os séculos XVI e XIX traziam mais do que africanos para trabalhar como escravos no Brasil Colônia. Em seus porões, viajava também toda a cultura dessas pessoas, incluindo a religião, a reguladora da vida social de onde vinham, a qual era estranha aos colonizadores portugueses. Considerada feitiçaria pelos colonizadores, ela se transformou, pouco mais de um século depois da abolição da escravidão, numa das religiões mais populares do país.

A Umbanda surgiu do sincretismo (mistura) dos ritos africanos, crenças católicas, espíritas e pajelança indígena, entre outros. A Umbanda é uma religião tipicamente brasileira. A palavra Umbanda possui várias significações, sendo uma delas 'Um' (Deus), 'banda' (lado), ou seja, "do lado de Deus", "do lado do bem". E, vale destacar, houve sempre entre seus seguidores a busca por manter a pureza do culto religioso ancestral.

Os chefes religiosos na **Umbanda** podem ser homens (babalorixás) e mulheres (ialorixás). São também chamados de pais e mães-de-santo; eles são os intermediários para a manifestação dos Orixás, que é como são chamadas suas divindades, durante as reuniões de culto. Há regras que devem ser observadas pelos babalorixás, na sua vida religiosa e na vida religiosa do terreiro sob a sua





direção. Atualmente, devido a expansão dessas religiões de cultos afro-brasileiros, muitos sacerdotes não são de origem africana.

Já no **Candomblé**, os babalorixás (homens) ou as ialorixás (mulheres) têm seus herdeiros. Por sua morte, esses assumem automaticamente a chefia do culto, para que o mesmo não seja interrompido. Há uma espécie de “testamento”, que contém uma extensa lista de filhos classificados para a sucessão. Esses filhos, pela rigorosa ordem de classificação de seu nome na lista, serão chamados a ocupar o cargo de cuidadores do terreiro e, uma vez morto aquele que estiver no cargo, será substituído pelo que estiver imediatamente na seqüência. Assim, é digno de nota, nem sempre os parentes, mesmos os mais próximos, são contemplados nesse “testamento”. Isso ocorre para provar a isenção de ânimo com que são escolhidos os “herdeiros”, levando-se em conta, apenas, seus dotes e qualidades dentro da lei dessa tradição religiosa.

De modo geral, a hierarquia em um terreiro é a que se segue:

Babalorixá: é o pai-de-santo. Compete-lhe exercer toda a função característica do seu cargo: presidir sacrifícios; preparar e iniciar “filhos de santo” dentro do ritual próprio, preparar os Orixás e “assentos” respectivos; resolver qualquer questão surgida dentro do terreiro ou de pessoas que a ele recorram; observar e corrigir a execução de todos os preceitos do ritual que pratica; marcar o ritmo a ser observado e obedecido pelos tocadores de ilús (tambores), ensinar, educar e corrigir os “filhos de santos” por ele feitos na prática e execução dos preceitos. Alguns, ainda, praticam a cura, devido a carência de médicos nos locais em que habitam e, também, por opção própria, o que leva seus filhos doentes a recorrerem aos seus conhecimentos do emprego de ervas e plantas, bem como dos rituais de cura.

Ialorixá: é a mãe de santo, líder dos terreiros, com função, atribuição e direitos idênticos ao do babalorixá.

Ogã Kalofé: “padrinho” escolhido pelos Orixás, “confirmado e entronizado”, tem deveres para com o terreiro. Recebe as mesmas homenagens e o mesmo respeito que o babalorixá ou ialorixá.

Ogã-nilu: batedor de atabaque.



Ogã-alabê: chefe dos tocadores de atabaque.

Axogum: responsável pelo sacrifício de animais ofertados aos orixás.

Ebômi: filha de santo, com mais de 7 anos de feita.

Equede: encarregada de organizar as festas; cuidar dos orixás "incorporados" e de seus objetos.

Iaô: noviça, "filha de santo" recém-feita.

Ialaxé: zeladora dos "axés".

Iabassé: cozinheira dos orixás.

Peji-gã: organizador da ordem geral dos preceitos.

Exi de Orixá: filho de santo em geral.

Outra organização religiosa a se citar é o **Xintoísmo**, religião nativa do Japão, a qual deu uma contribuição significativa para a estabilidade nacional deste país. É uma das religiões mais antigas da humanidade. Não possui livros sagrados, é uma religião prática. Nela os adeptos participam ativamente dos rituais e comemorações tradicionais nos santuários e nos lares.

No passado, xamãs primitivos realizavam as cerimônias para invocar as forças da natureza, mas, com o decorrer do tempo, os ritos foram se aprimorando e a sua realização passou a ser orientada pelos sacerdotes. Nas cerimônias xintoístas são invocados os poderes da natureza chamados kami e também são reverenciados os espíritos dos antepassados.

Os adeptos do xintoísmo acreditam que os espíritos dos antepassados de alguma forma estão presentes na vida da família e, por isso, devem ser reverenciados com os ritos especiais: oferenda de arroz, de frutas, de peixe e danças realizadas pelos jovens. As cerimônias de que participa a comunidade seguidora acontecem em momentos fixados no decorrer do ano. Durante esses períodos, os santuários ou templos são visitados, por serem épocas propícias para receber os benefícios dos deuses, como uma abundante colheita e boa saúde.





O **Cristianismo** é outra organização religiosa muito presente e tem como princípio básico o amor, ensinado por Jesus Cristo por meio de seu exemplo de vida. Jesus Cristo viveu na Palestina e região, fazendo o bem a todos, sem excluir ninguém. Seu grande mandamento é: “eu vos amei, e nisto todos saberão que vos sois os meus discípulos”, isto é, o amor fraterno: todos devem amar a todos, sem restrições e sem pedir nada em troca. Enfim, o Cristianismo é a religião dos que acreditam em Jesus Cristo e seguem os seus ensinamentos registrados no Novo Testamento da Bíblia. Com o tempo, por diversos motivos, e principalmente, devido a interpretações dos seus textos sagrados, os cristãos se separaram e organizaram diferentes igrejas e grupos religiosos. Por isso, há diferentes grupos cristãos: **católicos**, **evangélicos** (tradicionais e pentecostais), **ortodoxos**, entre outros.

A hierarquia religiosa dos cristãos católicos é: o papa, os cardeais, os arcebispos, os bispos, os padres ou presbíteros, os diáconos, os religiosos e as religiosas (também chamados de fiéis), freiras e monges; dos cristãos ortodoxos: os patriarcas, os metropolitanas, os bispos, os padres ou presbíteros, os diáconos, os monges e as monjas; dos cristãos evangélicos são: os bispos, os anciões, os pastores e pastoras, os presbíteros, os diáconos e diaconisas, os evangelistas, os missionários, etc.

A fé **Bahá'í** é uma religião de caráter universal. Seu fundador, Bahá'u'llah (1817-1892), nasceu na Pérsia e foi banido para Akka, Israel. Ele declarou que a unicidade da humanidade é o novo eixo em torno do qual gira a vida espiritual e social numa idade madura. Este conceito inclui a unicidade de Deus, a unicidade das religiões em suas origens e finalidades, bem como, a reconciliação entre religião e ciência e sua cooperação mútua. A religião Bahá'í não apresenta quadro hierárquico rígido e se ocupa no reconhecimento e legitimação de todas as grandes religiões da humanidade, as quais, para eles, são a expressão variada de um único e mesmo Deus.

O **Hinduísmo** é também uma das religiões mais antigas da humanidade. Segundo alguns pesquisadores, surgiu aproximadamente entre 2000 e 1500 a.C. Outros, porém, estendem a época de sua origem para um passado muito mais distante. O Hinduísmo surgiu



ao longo do vale do rio Indo, oeste da Índia. Trata-se de um conjunto de crenças chamado Sanatana Darma, que significa “O Caminho Eterno”. A maioria dos seguidores desta religião acredita num poder supremo, chamado Brahma, o qual não tem corpo, nem forma e está presente em toda parte, permeando todas as coisas. Esse princípio se manifesta na forma de deuses e deusas. Os três deuses principais são: Brahma, Vishnu e Shiva. Eles são venerados por milhões de hindus, com templos em sua homenagem por toda a Índia. Há também a veneração aos Avatares, que são encarnações das divindades, como, por exemplo, Krishna ou Rama.

O **Jainismo** também é uma tradição religiosa da Índia. O Jainismo teve origem com os antigos Jinas, os conquistadores espirituais, considerados como mestres humanos que atingiram o conhecimento, a visão interior e o mais elevado estado espiritual que um humano pode atingir. Os Jinas são também chamados de Tirthankaras “fazedores de vaus” que conduzem as almas à libertação espiritual definitiva do renascimento em mundos de ignorância e sofrimento. Embora a tradição fale em 24 deles, a comunidade jaina da Índia pode remontar à vida e às obras de Vardhamana, também conhecido como Mahavira, “grande herói”, o mais recente dos Tirthankaras, segundo dizem.

Da Índia oriental, onde vivia o Mahavira, a comunidade jaina migrou, no século III a.C., para Guzerate e Rajasthan, na Índia Ocidental. Mahavira foi contemporâneo de Buda, 599 e 527 a.C. Ele renunciou ao mundo aos trinta anos e tornou-se um asceta (monge) errante. Depois de negar por 12 anos o seu corpo, atingiu a iluminação espiritual. Converteu 12 discípulos, os quais registraram nas escrituras Jainistas os seus ensinamentos. Os jainistas se preocupam em não matar ou ferir qualquer forma de vida, chegando a utilizar proteção para suas bocas a fim de não engolir pequenos insetos distraidamente, e vassourinhas com as quais afastam todos os bichinhos do chão para que não sejam pisoteados.

4.1 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

O professor pode propor a construção de um painel/cartaz sobre as tradições religiosas apresentadas e indicar para os educandos as seguintes tarefas que poderão compor esta produção pedagógica:





Apontar como está organizada a hierarquia das tradições religiosas representadas, relacionando quais são os principais líderes e/ou fundadores que fazem parte desta tradição religiosa. Poderá ser feita, para tanto, uma pesquisa sobre a biografia destes líderes/fundadores, que são destaques em suas tradições religiosas ou na humanidade pelos seus feitos. Exemplos: Judaísmo – Abraão, Budismo – Sidarta Gautama, Islamismo – Maomé.

Pode-se, também, subdividir os educandos em grupos e pesquisar as tradições religiosas mencionadas no caderno, apontando seus principais fundamentos, ensinamentos, história, etc.

Ainda, a partir do conteúdo do Caderno, é possível elaborar um mapa sobre as organizações religiosas estudadas em sala de aula e outro sobre as encontradas em seu bairro ou cidade. Neste sentido, o professor pode construir com os educandos uma síntese final dos conteúdos, salientando, por exemplo, os papéis originados a partir dos diferentes cargos vividos nas organizações religiosas.

Outro exemplo de atividade pode ser a utilização de textos, como o colocado a seguir, para refletir com os educandos a respeito das diferentes formas de organização das tradições religiosas:

Papéis e funções nas organizações religiosas

As religiões do mundo se estruturam organizando o espaço físico, delimitando a geografia com suas mesquitas, templos, igreja, terreiros, etc., e organizando o espaço humano, atribuindo papéis de acordo com as funções que cada um possa no interior da tradição.

O hinduísmo é um conjunto de religiões que surgiu na Índia e que não possui estrutura rígida de controle e autoridade. Porém, são os gurus, mestres, os que orientam os adeptos rumo ao seu próprio crescimento espiritual. Em alguns templos hinduístas é o sacerdote brâmane quem cuida do templo, ele é o único que pode entrar no santuário e fazer as oferendas dos devotos.

O budismo, outra religião nascida na Índia, também se estrutura conforme a região em que se instala. O budismo tibetano, por exemplo, possui um líder espiritual conhecido mundialmente, o Dalai Lama. O budismo também possui muitos monges e monjas que dedicam suas vidas ao estudo e as práticas budistas.



A religião judaica se organiza, muitas vezes, em torno da sinagoga, que é o local de encontro dos judeus. Lá estudam e fazem seus rituais em coletividade. O rabino recebe salário para trabalhar na sinagoga, ele é o líder e é também o responsável pelos ensinamentos religiosos. O chantre, que é o líder dos serviços, e o zelador também recebem um salário.

O cristianismo possui uma estrutura hierárquica que varia conforme o segmento. No catolicismo romano, por exemplo, é o papa quem responde como líder da igreja e abaixo dele estão os arcebispos, bispos, padres, etc. Já a Igreja ortodoxa não segue as ordens do papa e os padres desta igreja podem se casar, mas não devem contrair matrimônio depois da ordenação e usam barba; os bispos são celibatários.

As igrejas evangélicas também se organizam de modo a não seguir o papa e as pessoas que conduzem o trabalho nas igrejas são conhecidos como pastores.

No Islamismo há um dirigente que é o responsável pela condução das preces públicas, denominado imã. Os que estudam a religião (teólogos eruditos) são conhecidos como Ulemás.

No culto afro-descendente existem os Babalorixás, quando homens e as Ialorixás, quando mulheres, que são responsáveis pelo terreiro e pelas obrigações. São eles o pai e a mãe de santo. Detalhando melhor, a palavra iyá do yoruba significa mãe, babá significa pai.

Este texto pode servir como ponto de apoio para o desenvolvimento deste conteúdo específico. O professor poderá também solicitar aos educandos que montem histórias em quadrinhos com base no texto e no conteúdo abordado, assim como pedir que façam um desenho no qual possam expressar o que entenderam sobre o conteúdo. Após a confecção dos desenhos, os mesmos poderão ser distribuídos entre os educandos para que possam compartilhar o que entenderam sobre o conteúdo desta unidade.

Uma outra possibilidade que se sugere ao professor é uma entrevista que o educando poderá realizar com seus pais ou amigos próximos, pertencentes a mesma tradição religiosa, com um possível seguinte roteiro:



- Há quanto tempo família pertence a tradição religiosa escolhida?
- Como é conhecido pela comunidade o local em que se reúnem?
- Há quanto tempo o local sagrado que freqüentam foi construído?
- Quem foram os líderes religiosos responsáveis pela sua construção e como são denominados (se é um padre, um pastor, um pai de santo...)?
- Quem foi o primeiro líder religioso da comunidade?
- Como está organizada esta religião?

Após a realização da entrevista o resultado poderá ser compartilhado com a turma, com relatos, debates, painéis, etc.

Outras perguntas podem ser feitas para a entrevista, dependendo dos objetivos a serem almeçados com a pesquisa. Da mesma forma, outras pessoas, podem ser entrevistadas: de diferentes idades, sexo, nível de escolaridade, profissão... Tal metodologia enriqueceria ainda mais o trabalho.

Como se viu, cada religião se organiza de maneira bastante especial, peculiar, e divide funções e papéis entre as pessoas que fazem parte da estrutura de sua organização. Tudo isso pode demonstrar, numa busca de entendimento das ações humanas, logo do conhecimento historicamente construído pela humanidade, a capacidade das pessoas de se organizarem em prol de um objetivo comum, que, no caso das tradições e organizações religiosas, é um fim baseado na absorção de uma "sensação oceânica" de que há algo que se justapõe, de uma forma suprema (acima da compreensão racional dos homens), em todos os fenômenos da realidade possível e imaginada (sagrada). Neste sentido, e dentro das Diretrizes Curriculares para o Ensino Religioso, é a oportunidade, por este conteúdo específico, de sensibilizar pelo conhecimento deste aspecto humano, a religiosidade, de que as pessoas socialmente, de uma forma ou de outra, dependem umas das outras, inter-relacionando-se e organizando-se na construção dos objetivos arquitetados e postos na realidade escolhida e seguida.

Unidade

5



Programa Nacional dos Direitos Humanos

Prevenir e combater a intolerância religiosa, inclusive no que diz respeito a religiões minoritárias e a cultos afro-brasileiros.

Proposta 110

UNIVERSO SIMBÓLICO RELIGIOSO



Os símbolos formam um sistema complexo de significados estruturantes das linguagens pelas quais se expressam as diferentes manifestações humanas, entre elas as tradições religiosas. As religiões se organizam por intermédio de códigos que desempenham papel importante no campo da vida espiritual-imaginativa.

Esses códigos, os símbolos, são a base da comunicação – que é uma instância racional, no caso humano – dos sentimentos e sensações humanas retirados do movimento da existência da vida no mundo (sujeito – objeto, espírito – matéria, interior – exterior, etc.). Comunicação esta tanto do homem com o mundo quanto do homem consigo mesmo. E a função fundamental da comunicação é a cooperação, a coexistência, dos diversos fenômenos inseridos (criados) na natureza, sobretudo, a vida. Assim, os homens, enquanto seres que têm em sua identidade maior (mas não única) o pensamento, necessitam harmonizarem-se com o sentido das coisas, já que o pensamento é a conclusão abstraída do sentido das coisas.

Veja-se, na seguinte citação de Debray (1993, p.61), a idéia original de símbolo:

O símbolo é um objeto convencional que tem como razão de ser o acordo dos espíritos e a reunião dos sujeitos. Mais do que uma coisa é uma operação e uma cerimonia: não a do adeus, mas sim do reencontro (entre velhos amigos que se perderam de vista). Simbólico e fraterno são sinônimos: não se fraterniza sem alguma coisa para partilhar, não se simboliza sem unir o que era estranho. Em grego, o antônimo exato do símbolo é o diabo: aquele que separa. Dia-bólico é tudo que divide, sim-bólico tudo o que aproxima.

Seguindo essa linha de compreensão, poder-se-ia dizer que o similar latino desse entendimento etimológico do simbólico, com sua origem grega, é a religião: a ação, o movimento, que faz o 're-ligar'; a 're-ligação'. Isso toma sentido ao se pensar que a origem da religião, em suas primeiras manifestações, preconizava o elo entre a vida e a morte – entre os vivos e os ancestrais; entre a finitude e o eterno; entre a matéria e a energia. E, esse sentido, no desenvolvimento mais institucionalizado da religiões, com o advento da sociedade, apenas tomou uma extensão maior, coletiva e subsistente.



Contudo, deve-se evitar, nesse rumo de pensamento, equívocos. Por exemplo, pode-se incorrer na idéia de que a existência das diversas religiões é um sinal da divisão ('dia-bólico') dos homens que impossibilitaria a 're-união' de toda as pessoas num sentido único de existência. Pelo contrário, a diversidade não implica necessariamente divisão, fragmentação, mas, sim, que existem coisas, e muitas, no mundo.

Assim, a importância da disciplina de Ensino Religioso pode ser dimensionada pela sua possibilidade educacional de demonstrar que o conhecimento da diversidade, no caso do tema da religião, que é algo tão marcante e historicamente construído, pode marcar o contato do humano com as diversas possibilidades humanas. Esse contato pode unir, pois é a 'inter-ação' dessas possibilidades, a 'inter-relação' das diversas pessoas e suas culturas que formam a sociedade. Desta feita, a interação das diversas tradições religiosas também pode ser a 're-ligação' das diversidades, e além da atitude religiosa: a cultural, social, étnica, de idéias, etc.

Em suma, esse contato todo com a diversidade deve incitar os educandos ao conhecimento da alteridade, de que o contato, como o físico, o tato, une-o à coisa 'tocada'; formando, assim, uma unidade de consciência, mesmo que simbólica, no sentido da imagem, do imaginário.

Para tanto, é preciso, ainda, demonstrar aos educandos a fundamental diferença entre informação e saber. Não basta ter posse da informação, ela só se tornará conhecimento de ato ao se saber lidar, usar, utilizar, agir, com essa informação. Enfim, ter a informação da diversidade, de suas várias nuances, não basta, é urgente se saber lidar com a diversidade. E o conhecimento da idéia do simbólico, do Sagrado que une os homens, poderá ser o elo de ligação dos agentes da diversidade, as pessoas.

Por isso, precisamente, os símbolos constituem-se em linguagens, processos de aproximação e união entre os seres, que assumem diferentes aspectos, dada a sua clara função de comunicar. Os símbolos não se restringem apenas às formas, mas também às cores, aos gestos, aos sons, aos cheiros, aos sabores, enfim, nas possibilidades de percepção. Cabe salientar que qualquer coisa





pode funcionar como veículo de uma concepção, algo que demande uma unidade comum perceptiva, ou seja, pode se tornar símbolo, como, por exemplo, uma notação matemática, uma obra de arte, enfim, coisas que comportem um conceito exprimível e compreensível por todos.

Conforme Karlson (1961), os adeptos de Pitágoras, os chamados pitagóricos, elevaram o número à categoria de divindade e chegavam a castigar, por meio da morte, quem traísse seus segredos. Karlson descreve que, certa vez, um matemático afirmou que somente os números inteiros foram criados por Deus, todo o resto era obra do diabo. O que ganha sentido, pelo que se vê pela definição de simbólico e diabólico, pelo sentido de união no todo e da divisão que dispersa e faz perder de vista o sentido do todo.

Para as diferentes culturas religiosas, muitos elementos naturais foram incorporados enquanto símbolos, como é o caso da água. Sabe-se que, para os povos andinos, a água era considerada sagrada. O oceano pacífico era conhecido como a mãe-mar. Mares e rios eram tidos como deuses na Grécia antiga; já no Brasil, no dia dois de fevereiro, acontecem as grandes festas de Yemanjá, a rainha das águas, para o culto afro-brasileiro. Não só a água, mas também outros elementos naturais são tidos como símbolos importantes para muitas religiões do mundo. Ao lado dos símbolos naturais existem aqueles construídos pela humanidade.

Porém, conforme classificação dada pela psicologia analítica de Carl Gustav Jung (1977), é preciso diferenciar o símbolo dos sinais. Os sinais apresentam significados fixados por meio de uma declaração, não possuem outros significados, não há nada encoberto, enquanto que o símbolo é enigmático e encobre uma multiplicidade de interpretações. Se bem que, dentro de um grupo – pode-se dizer, unido por um símbolo ou códigos, como uma tradição religiosa – uma interpretação é, em geral, compartilhada por todos os componentes, seguidores, da base ou ideal desse grupo. Segue-se disso que, em contrapartida, as diferentes interpretações vêm, também em geral, de fora desse grupo.

Vê-se, portanto, que convencionalmente um sinal representa apenas um sentido, é algo fixo, rígido, como, por exemplo, o sinal



de adição em uma operação matemática; enquanto que no símbolo coexistem inúmeros sentidos, por exemplo: o preto pode ser símbolo da obscuridade das origens, o estado inicial e não ainda manifesto, mas também pode significar a morte, a passividade, etc.

Jung se debruçou sobre o estudo dos símbolos, inclusive dos símbolos religiosos. Por meio de uma pesquisa sobre o funcionamento da psique humana, percebeu que as manifestações do inconsciente, que poderiam se expressar por meio dos símbolos, traziam uma quantidade considerável de energia psíquica em forma condensada. Na busca da interpretação destes símbolos, o indivíduo poderia traçar um percurso de maior expansão (do que antes estava condensado) e, desta feita, de compreensão de si mesmo.

O símbolo, em suas múltiplas possibilidades interpretativas, sempre mostrará uma face enquanto esconde a outra. Paradoxalmente aparente, às vezes une e outras separa os indivíduos. Afinal, não são todos que vêm ao encontro do mesmo sentido das coisas. Isso se dá porque a distinção entre aquilo que um símbolo é em si, numa conceitualização dada por uma convenção, geralmente construída historicamente, e aquilo que é para alguém, na subjetiva e unilateral interpretação do sujeito, destrói a 'paz' da comunicação.

Isto, em certa medida, poderia explicar a destruição da paz entre as religiões, pois aquilo que é crença em si é distinto nos diferentes cultos, nas diferentes tradições religiosas, à idéia de sagrado. Ou seja, aquilo que é a fé para uma tradição religiosa, o sagrado em si deste grupo, é descrito por cada religião de forma peculiar e, para esta religião, o que ela descreve é o que simboliza o sagrado em si. E, na observância da visão de outra religião, o sagrado é como que subjetivo, já humano, imperfeito e não sensível a todas as significações outorgadas como sagrado que esta determinada organização religiosa, autoritariamente, prescreveu (revelou). Assim, mais do que conhecer os símbolos das tradições religiosas (dar informações), é importante entender o que são os símbolos (o saber), para se dirimir essas distinções de significações dos símbolos, logo podendo aproximar a diversidade de culto (cultural).

Desde muito cedo, o ser humano simboliza. Ao relacionar-se com imagens vai gradativamente atribuindo-lhes significações e cons-





truindo seus mitos particulares e coletivos. A humanidade serviu-se sempre de representações, sejam como sinais apenas ou como símbolos, desde a mais remota antigüidade, como, por exemplo, as figuras rupestres.

Para entender o universo simbólico presente na humanidade não se pode deixar de lado o conhecimento das culturas espalhadas em todo o mundo e que fizeram, a seu modo, um amplo e complexo desenvolvimento de estruturas simbólicas, logo da sensibilidade dos motivos que unem os grupos na motivação de uma causa, por exemplo, na fé, na esperança da concretização do bem para o bem viver, enfim, das diversas dimensões da idéia de sagrado.

Para as diferentes culturas, houve construções históricas traçadas de formas diversas no desenvolvimento da linguagem simbólica, permeando esta linguagem com significações especiais, peculiares, e completamente enredadas na cultura, no nicho, da qual provém e onde se especifica e se configura a edificação daquela forma de conduzir a vida, a existência.

Desta feita, por meio do entendimento simbólico, chega-se ao ethos, fundamento, de uma cultura e, assim, é possível se compreender sua realidade mítica, que, por meio da ação ritualística, completa-se em um sentido. Por conseguinte, uma das características dos símbolos se evidencia em sua complexidade, na qual são estabelecidas relações inseparáveis com os ritos, os comportamentos, os preceitos, as imagens do sagrado, etc.

No símbolo está presente algo particular que aponta para algo maior, geral, como sendo uma revelação do impenetrável, que, ao ser abordado, lança novas perspectivas de conhecimento. Por sua abundante significação, o símbolo convida a instância psíquica da consciência a se relacionar com ele, não somente aceitar uma significação usualmente constituída mas descondensar-se em uma consciência mais ampla; isto pode ser feito pela contemplação, pela representação, pela interpretação, entre outras formas de se inter-relacionar com os símbolos.

Entre tantos exemplos, pode-se dar o simbólico do feminino, que nas diversas tradições religiosas se manifesta de diversas formas. Neste sentido, foram encontradas pequenas estatuetas de deusas,



chamadas pelos historiadores de Vênus. Eram representações de mulheres que demonstrariam o poder feminino, já que eram as deusas muito veneradas. Atualmente, encontram-se seguidores desta chamada velha religião representados nos movimentos de Wicca, também conhecidos como bruxos, “bruxos bons”, os quais trabalham apenas pela preservação da natureza e de todas as formas de vida.

Os wiccanos acreditam que o universo foi criado e que todas as coisas vivas foram geradas em um momento de êxtase, a partir do corpo/mente da Grande Deusa. Wicca se propõe a buscar o Sagrado Feminino, recuperando o papel das mulheres na religião. São elas, então, as sacerdotisas da Grande Mãe. Os homens também participam deste movimento, pois se consideram os dois aspectos polares a fim de se encontrar o equilíbrio e a complementaridade que constituem as energias da vida e não dissociam as coisas que configuram a humanidade, são todas um único fenômeno da criação.

Muitas religiões do mundo avançam significativamente para o equilíbrio entre o feminino e o masculino, são exemplos disto: as mulheres que exercem o rabinato no Judaísmo; e a valorização de monjas budista, como é o caso da monja Cohen, brasileira que tem divulgado o Zen Budismo por todo o país; tem-se também no catolicismo a presença de Zilda Arns, que criou e coordena a pastoral da criança. Estes exemplos de mulheres têm mostrado ao mundo a força feminina por meio de um trabalho de espiritualidade vivida no social.

Historicamente, via de regra apenas os homens estudavam e discutiam textos como a Bíblia. Atualmente, mulheres estudam e crescem um prisma feminino à interpretação dos textos sagrados. E, incrementando os exemplos, algumas igrejas evangélicas já admitem pastoras na hierarquia da igreja, como no caso de igrejas luteranas, metodistas, do Evangelho Quadrangular, entre outras.

Nas religiões afro-brasileiras, também, a importância da mulher vem sendo afirmada e demonstrada por muitos pesquisadores, nas suas diferentes manifestações: candomblé, umbanda, batuque, xangô, tambor de mina, etc.





Encontramos, ainda, muitas divindades femininas no Hinduísmo, como é o caso de Kali, a deusa adorada e temida, que possui um colar de crânios humanos em torno de seu pescoço. Parvati é esposa de Shiva e representa a Paz, Lakshmi, esposa de Vishnu é a representação do Amor, entre muitas outras divindades femininas com diferentes significados.

No Budismo, hoje, as mulheres podem ser monjas. Na tradição Zen, as monjas têm cabelos raspados e usam quimonos sem enfeites, iguais aos dos homens. A idéia é tornar o visual dos dois sexos semelhante e, com isto, evitar a discriminação. Porém, na escola budista Terra Pura, as mulheres não precisam cortar os cabelos e podem até pintar unhas de cores claras e usar jóias. Esta escola não se exige o celibato e as monjas podem se casar.

Diz uma seguidora do judaísmo: “Aos poucos, as pessoas percebem que Deus não é masculino ou feminino. Há muito mais possibilidades de expansão para nosso espírito, nossa consciência, se abraçarmos a totalidade das experiências humanas”.

Enfim, nas diversas culturas religiosas se pode identificar símbolos predominantes, os símbolos do masculino, do feminino, dos animais, dos objetos, entre tantos outros. O mais importante é que os símbolos são o caminho para as pessoas se unirem e se representarem em torno de determinadas crenças, que, invariavelmente, convergem o humano à sua existência no mundo, dentro das contingências que o grupo ao qual pertencem se encontra. Querendo, como todos os demais, existir com dignidade, o que deve, acima de qualquer coisa, ser respeitado.

5.1 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

Para o trabalho pedagógico com este conteúdo, sugere-se que, paulatinamente, sejam apresentados aos educandos diferentes formas de simbolização e significados, aproveitando o ensejo para introduzir o sentido e o conceito de símbolo, além de sua importância para as tradições religiosas e para o ser humano em geral – como é o caso da linguagem, o exemplo maior de símbolo para os homens. Inicialmente, o professor pode repassar em sala de aula o seguinte texto:



MÁSCARAS: bastante utilizadas em rituais, evocam características e energias dos seres que representam. Para alguns povos, o espírito do elemento representado ali se encarna em quem utiliza a máscara, estabelecendo, naquele momento, uma sagrada relação de participação mística.

A partir da reflexão coletiva sobre este texto, os educandos podem:

Confeccionar máscaras. Cada educando escolhe um animal de sua preferência e elabora a sua máscara. Neste momento, o professor pode conduzir a reflexão acerca da significação animal na religião indígena. Cada animal trás um tipo de energia diferente no ritual.

Texto para leitura:



Figura 12: Máscara

Fonte: www.chinainfoonline.com

AS MÁSCARAS NO MUNDO RELIGIOSO

As máscaras, em diferentes culturas, muitas vezes revestem-se de um poder mágico, algumas pessoas acreditam que elas podem proteger aqueles que as usam contra coisas ruins ou ainda podem assustar e mostrar poder. Podem também captar a força vital de outro ser e torná-la presente no corpo de quem a usa. Enfim, muitas vezes as pessoas utilizam as máscaras na crença de que poderão dominar e controlar forças do mundo espiritual.

É possível, neste momento, mostrar aos educandos trechos de filmes que evidenciem algum ritual no qual os participantes aparecem usando máscaras. Exemplo: um ritual indígena no qual a pintura de rosto e corpo se torne evidente. Existe, como exemplo, um documentário sobre os índios do Alto Xingu – denominado Xingu –, que pode ser aqui utilizado.

Além das máscaras existem também outras formas de os símbolos se apresentarem. Neste sentido, sugere-se que o professor propicie um momento de reflexão sobre a temática do breve texto que segue, sobre a simbologia da vestimenta:



VESTUÁRIO

Os tecidos com os quais se confeccionam as roupas utilizadas nas cerimônias religiosas possuem uma representação simbólica. A seda pode representar a delicadeza, o refinamento... O algodão pode querer demonstrar a simplicidade, a humildade, o desapego... A pele pode ser símbolo da força preservada do animal...

O véu utilizado pelas mulheres, como, por exemplo, as islâmicas, pode ser entendido como símbolo de distanciamento do mundo exterior, modéstia e virtude.

O manto, ao envolver o corpo, pode significar proteção e poder, entre outras coisas.

A roupa pode ser símbolo exterior de uma atividade espiritual. A vestimenta dos monges chineses não evoca simplesmente o desapego ao mundo material. "Os sábios chineses anunciam, através do seu chapéu redondo, que sabem das coisas do céu; por meio de seus sapatos quadrados, que sabem as coisas da terra; por meio de seus sonoros pingentes, que sabem se pôr em harmonia em todo o lugar." (Huang-tsé, sábio chinês).



Figura 13: Vestuário

Fonte: Blog.guardian.co.uk

Atividades a se propor para os educandos:

- A partir desta leitura o que você pensa sobre a importância simbólica das vestimentas no cotidiano e nos cultos religiosos?
- Após leitura reflexiva, sugere-se ainda que os educandos construam em papelão o contorno do corpo de uma figura masculina e de uma figura feminina. Depois, poderão desenhar e pintar o rosto. Separadamente, em papel, confeccionar a vestimenta de diferentes tradições religiosas e que os bonecos contornados sejam vestidos. Exemplo: O hábito de uma freira, a túnica de um monge budista, as roupas de um pajé, de uma seguidora de Wicca (religião do culto à Deusa), de um candomblecista...



AS ROUPAS RELIGIOSAS E SEUS SIGNIFICADOS

Na religião católica, a vestimenta pode muitas vezes identificar a ordem a que o monge pertence. Por exemplo, os capuchinhos utilizam um manto simples para simbolizar a simplicidade e um capuz conhecido por tonsura para proteger a cabeça, muitas vezes raspada. A tonsura representa o abandono de toda a vaidade e uma vida consagrada a Deus. Podem também utilizar como cinto um cordão apresentando vários nós, como símbolo da fé, esperança, caridade e penitência.

Na hierarquia da igreja católica se percebe que na medida em que o grau hierárquico aumenta também a pomposidade e exuberância da vestimenta cresce, simbolizando, assim, a riqueza e a nobreza do espírito.

Já para o costume religioso muçulmano, a presença do véu para as mulheres é de suma importância. Este véu, conhecido como hijab, deve cobrir todo o corpo da mulher com exceção do rosto, mãos e, eventualmente, também os pés. Tal comportamento significa que elas estão em acordo com o que diz o Alcorão, livro sagrado dos islâmicos, demonstrando, assim, sua submissão a Alá.

Cabe aqui lembrar que algumas igrejas evangélicas cristãs, substituíram o uso do véu para as mulheres, símbolo de respeito a Deus, pelos cabelos compridos.

Os homens judeus usam sobre a cabeça um kipá. A palavra kipá significa arco e serve como uma lembrança constante da presença de Deus, que, como um arco, protege e guia. O kipá também significa que acima da pessoa existe Deus e Deus está acima das pessoas, observando-as em todos os momentos. Desta maneira, associa-se à humildade.

Como se viu, as vestimentas utilizadas no ambiente religioso possuem significados e não são apenas adornos ou questão de gosto pessoal. Deste modo, vale a pena ficar atento para observar como se vestem as pessoas que representam organizações religiosas, a fim de conhecer um pouco mais sobre suas crenças.





FOGO

O fogo é um elemento que parece ter vida, consome e ilumina, aquece e também causa dor e morte.

Muitas vezes, é tido como sagrado, simbolizando, por exemplo, no cristianismo, o Espírito Santo, que, em forma de línguas de fogo, inspirou os apóstolos durante a primeira festa de Pentecostes (festa em que os cristãos comemoram a descida do Espírito Santo e tem sua comemoração cinquenta dias após a Páscoa). Em seu aspecto negativo tem-se, no catolicismo, a simbolização do inferno e da destruição.



Figura 14: Fogo

Fonte: www.nist.govpublic.com

O ato de acender o fogo, no início do ano novo, era um ato sagrado no antigo México.

Na doutrina Hinduísta, o fogo é fundamental, pois Agni, Indra e Surya são fogos dos mundos terrestre, intermediário e celeste. Segundo o texto sagrado dos hinduístas, Atharva Veda, o Deus Agni escalou os cimos celestiais e, ao libertar-se do pecado, também libertou o povo da maldição.

No livro sagrado dos chineses, o I - Ching, o fogo corresponde ao sul, à cor vermelha, ao verão e ao coração.

A antiga Roma ritualizava a guarda do fogo sagrado.

A liturgia católica do fogo novo é celebrada na noite de Páscoa.

No Xintoísmo (Japão), a celebração do fogo coincide com a renovação do ano.

Algumas culturas costumam cremar os seus mortos – queimá-los –, pois acredita-se que o fogo se torna elo de ligação e mensageiro entre o mundo dos mortos e dos vivos.

O sol e seus raios também simbolizam o fogo e suas chamas são tidas como purificadoras e iluminadoras. Em seu aspecto negativo, ele obscurece e sufoca, por causa da fumaça.



O fogo é símbolo de purificação, de renovação e da presença do divino em diferentes religiões.

Sugestão:

- Em posse do texto, os educandos poderão elaborar um álbum com imagem do uso do elemento fogo nas diferentes religiões, com desenhos ou gravuras. Exemplo: uma dança ritual do fogo indígena, uma vela acesa em uma igreja, uma pira funerária hinduísta...

Outra proposta para encaminhamento metodológico é o trabalho com alguns símbolos que identificam as diferentes religiões do mundo. O professor pode mostrar o símbolo e fazer o seguinte esclarecimento:

- Um dos símbolos da antiga religião chinesa denominada taoísmo é este.



Figura 15: Yin Yang

Fonte: SOUZA, 2006

Ele representa o equilíbrio entre duas forças opostas, que precisam estar em harmonia, são forças inerentes a tudo que existe no universo. Um lado precisa do outro para existir. Expressa duas polaridades: escuro/claro, positivo/negativo, quente/frio, masculino/feminino. O Yin está ligado a terra, o frio, o feminino. O Yang está ligado ao céu, ao calor, ao masculino. As forças opostas do Yin e do Yang são interdependentes e cada uma contém em si a semente ou potencial da outra.

Para continuar esta atividade, pode-se sugerir que os educandos desenhem este símbolo em seus cadernos.

- A seguir, apresentar a imagem da lua e comentar que:

A Lua pode representar a figura feminina, e também o aspecto maternal e criador da vida. A lua cheia lembra um ventre que contém uma pequena vida. Para as tradições de Wicca, a lua é um símbolo importante de fertilidade e representa a própria deusa.

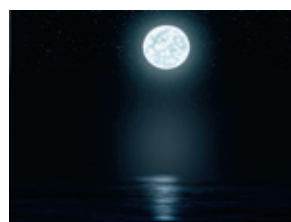


Figura 16: Lua

Fonte: www.david.
brokenstar.net



Sugere-se que, ao trabalhar com o simbólico da lua, o professor enfatize a questão dos símbolos do feminino nas diferentes manifestações do sagrado, como, por exemplo, Gaia, Vênus, Iemanjá, etc.

- Para seguir com o trabalho de apresentação dos símbolos religiosos, podem ser apresentados símbolos, contando a história que lhe originou.

CRUZ: O cristianismo tem a cruz como um dos principais símbolos, lembrando a morte de Jesus para salvar a humanidade. A cruz vazia simboliza a ressurreição e a ascensão de Jesus. A cruz com o Cristo crucificado pode simbolizar que Jesus morreu crucificado para salvar o homem, dando sua vida por amor a todos.



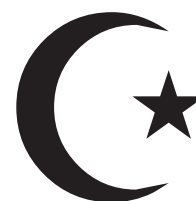
ESTRELA DE DAVI: É um dos símbolos do Judaísmo, estampada no centro da bandeira de Israel. A estrela de Davi tem seis pontas; formada por dois triângulos entrelaçados. Os dois triângulos também simbolizam o equilíbrio do universo. Este é o principal símbolo do Judaísmo e do Estado de Israel, os triângulos representam o entrelaçamento do sol, fogo e energia masculina com a lua, água e energia feminina.



Fonte: BIACA, 2006

Figura 17: Estrela de Davi

LUA CRESCENTE : Tornou-se o símbolo adotado pelo islamismo. Possui uma antiga relação com a realeza, e, entre os muçulmanos, guarda ressonância com o calendário lunar, que ordena suas vidas religiosas. A lua crescente está se plenificando e espalhando luz, aumentando paulatinamente seu tamanho, do mesmo modo um fiel em sua busca por Alá.



Fonte: SOUZA, 2006

Figura 18: Lua Crescente

OM: É o símbolo mais importante para o hinduísmo e também para o budismo. É o som primordial, o som criador a partir do qual tudo se manifesta. O OM é a reunião de todos os sons. O som OM pode representar a trindade dos deuses da criação (Bhrama, Vishnu e Shiva). Crê-se que esta sílaba sagrada



Fonte: BIACA, 2006

Figura 19: OM



seja a “semente” de todos os mantras (palavras ou sons poderosos e divinos). O som OM seria o único eterno, em que o passado, o presente e o futuro coexistem.

CHAVE: É um dos símbolos utilizados pela umbanda, que é uma das religiões dos afrodescendentes. Simboliza a abertura dos caminhos. São Pedro é o guardião da chave, que para os umbandistas é o Xangô Agodô. O poder das chaves é o que faculta ligar e desligar, abrir ou fechar o céu.



Figura 20: Chave

Fonte: www.martinsmagic.com

NATUREZA: Muitas nações indígenas se desenvolveram na arte de leitura dos sinais, encontrados no vôo dos pássaros, na direção dos ventos, raios, no crepitar do fogo, na posição das estrelas... Para os povos de floresta, há uma comunicação incessante entre tudo o que existe na natureza: a Terra pulsa e seu coração ensina cânticos aos seres humanos.

Segundo um índio guarani, chamado Jecupé, nenhum movimento de pássaro é realizado sem conexão, nenhum pouso acontece em vão, quando alguma pessoa vislumbra um pássaro sagrado, como, por exemplo, o gavião-real, a águia, a pomba, entre outros, ela está sendo solicitada a agir com o poder do coração, onde se localiza a morada do espírito do ser. Se algum animal aparecer em seus sonhos ali está representada uma mensagem importante.



www.wildliffearchives.com

O beija-flor, por exemplo, pode inspirar boas idéias e seu surgimento aponta para o momento da concretização destas idéias, o beija-flor é a primeira forma que Namandu, o Grande Mistério, assumiu para revelar-se.



www.fws.gov

Ainda, conforme a cultura Guarani, a segunda forma que Namandu assumiu foi a de coruja, que, durante o nada da noite, empoleirou-se sobre si mesma e criou a sabedoria e, ao bater de suas asas, o vento passa a existir como mensageiro. Se soprarem do sul, pode significar uma aventura inesperada; se soprarem do oeste,





podem anunciar que o que tem de morrer, morrerá; se soprarem do norte, é a clareza da jornada com a proteção de ancestrais; e se soprarem do leste, significa que algo está para ser iniciado.

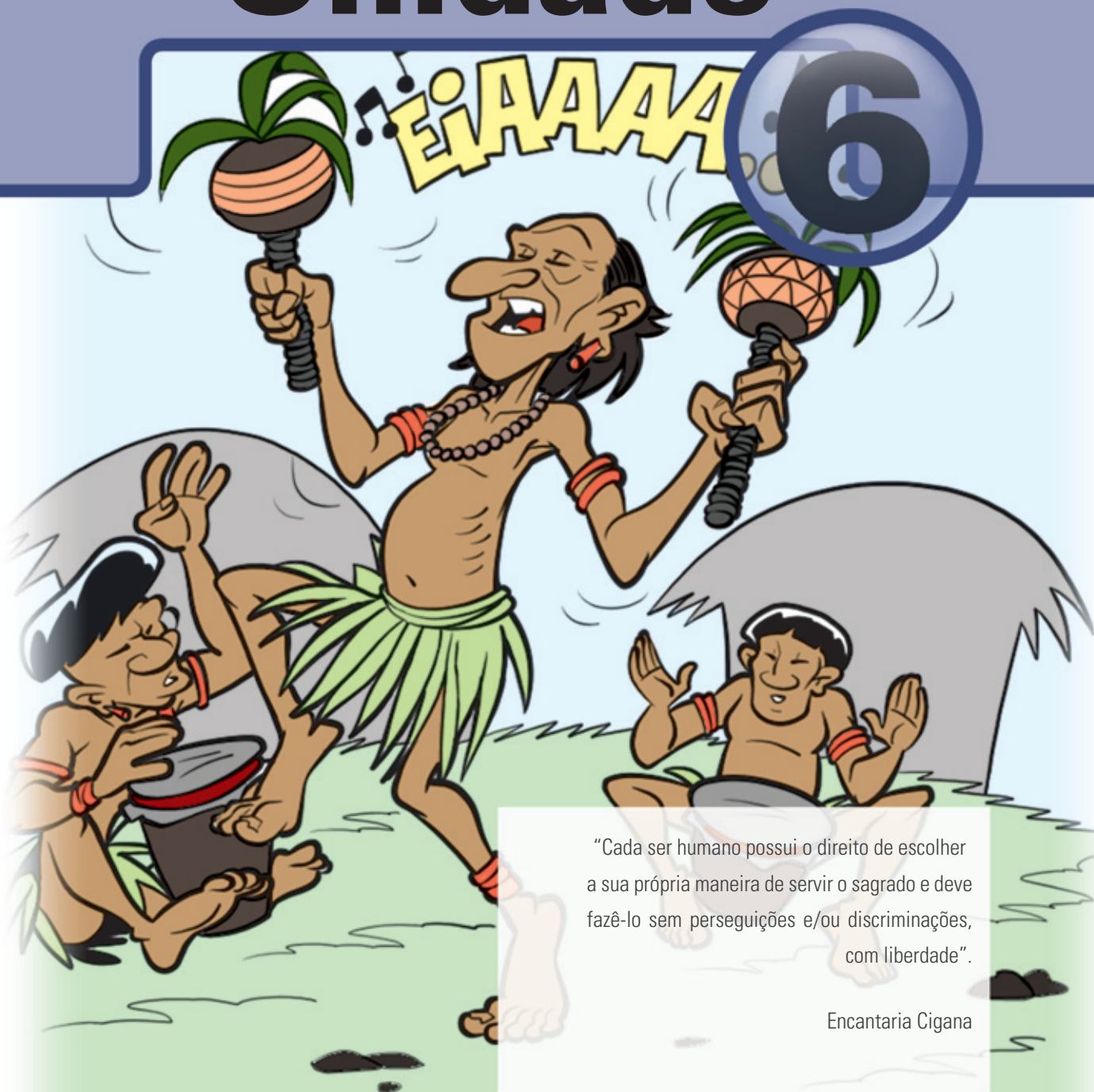
SHIVA: Uma divindade importante para o hinduísmo, religião que nasceu na Índia. Nesta imagem o Deus Shiva dança, a mão direita toca um tambor pequeno que marca o ritmo de sua dança. Na mão esquerda apresenta uma língua de fogo na palma. Dança pisando o corpo de um pequeno anão que representa o homem mergulhado na ignorância. A auréola de chamas que o rodeia representa a vitalidade inesgotável bem como a luz do conhecimento.

Apresentou-se, neste segmento do caderno, apenas algumas sugestões de símbolos e seus respectivos significados. Existem, ainda, outros símbolos importantes de diversas tradições religiosas que aqui não foram contemplados. Sugere-se que o professor proponha aos educandos a pesquisa de novos símbolos e seus significados. Atividades de modelagem, pintura e a criação de jogos de memória (contendo cartões com o desenho do símbolo e cartões com o nome das religiões) são algumas, entre muitas atividades, que o professor poderá desenvolver em suas aulas.



www.inf.ufsc.br/~barreto/objetos/Nataraja.jpg

Unidade



RITOS



A busca de respostas às perguntas básicas da existência: “Por que nascemos?”, “O que estamos fazendo aqui?”, “Como, quando, por que morreremos?”, “Existe algo depois da morte?”, etc. provocaram nas comunidades a organização de manifestações que procuram expressar o encontro ou o reencontro com o Sagrado. É por isso que aparecem e se configuram os rituais nas diversas tradições religiosas.



Fonte: www.enlight.ru

Figura 21: Ritual

Os rituais, neste sentido, vêm para dar movimento, sentido prático, mesmo sendo simbólicos, à idéia de Sagrado descrito nos textos sagrados. Assim como, pedagogicamente, apenas a leitura dos livros didáticos, de certa forma, reprime o ensino, pois privilegia apenas um sentido da educação (o teórico) – excluindo a essencial necessidade da prática –, apenas o apreço aos textos sagrados tiraria a avidez da fé, característica comum de todas as tradições religiosas.

Por isso, a imagem simbólica dos rituais é importante para manter integrada a união dos seguidores de uma tradição ou organização religiosa, já que: “a letra pode matar o espírito, mas a imagem vivifica a letra, assim como a ilustração o ensinamento...” (DEBRAY, 1993. P.92). Isto é, somente com o estéril dinamismo das descrições (escritas e orais) a “re-ligação” (a religião, ao pé-da-letra) dos motivos dos cultos humanos (da cultura) e as suas causas não se efetivaria. Isto, pois, os rituais são imagens refletidas das tradições, culturais e religiosas, captadas nos textos, nas lembranças descritas das sensações percebidas da realidade: “Ora, a imagem é ‘e-moção’. Mais do que a idéia, ela põe as multidões em movimento (idem, ibidem)”.

O ritual é, especificando o assunto, um sistema cultural de comunicação simbólica, constituído de seqüências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios que possuem conteúdo e arranjo caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), con-



densação (fusão) e redundância (repetição). A ação ritual nos seus traços constitutivos pode ser vista como “performativa” em três sentidos: 1) no sentido pelo qual dizer é também fazer alguma coisa como um ato convencional [como quando se diz “sim” à pergunta do padre em um casamento]; 2) no sentido pelo qual os participantes experimentam intensamente uma performance que utiliza vários meios de comunicação [um exemplo seria o carnaval]; e 3) no sentido de valores sendo inferidos e criados pelos atores durante a performance [por exemplo, quando se identifica como “Brasil” o time de futebol campeão do mundo].

Nesta perspectiva, é necessário que haja alguém que sirva como ponte entre o conhecimento religioso primordial e o mundo profano. O conhecimento do sagrado não era distribuído, no entanto, pelos oficiantes (sacerdotes, pajés, xamãs), mas pelos contadores de história, que assumiram o papel de primeiros professores, tanto da moral e dos valores, quanto dos costumes culturais de uma nação ou comunidade.

6.1 PRINCÍPIOS ORGANIZATIVOS

A palavra rito é originada do latim *ritus*, equivalente ao grego *thesmós*, cujo significado no plural é “tradições ancestrais, regras, ritos”, mas também se vincula ao sânscrito *rtús* (período de tempo, norma) e *rtá* (ordem), além dos vocábulos gregos *arthmós* (números), *rithmós* (ritmo) e *areté* (virtude) e do latim *ars* (arte), que ressalta o caráter imitativo aos deuses mitológicos, cuja imitação se dá através dos ritos.

O rito é o aspecto mais característico da religião. O ritual, por meio de seus gestos, manipulação de objetos e recitação de fórmulas e relatos, por parte de magos e sacerdotes, trata de conservar e recuperar a situação original íntegra que abrange a conduta, o pensamento e a vontade dos deuses. O rito é inseparável da revelação primeira: “Assim fizeram os deuses, assim fazem os homens” (Taittiriya Brâhmana I, 5, 9, 4), “Devemos fazer o que os deuses fizeram no começo” (Çtâpatha Brâhmana VII, 2, 1, 4), e é fundamentalmente cosmogônico ou recreativo (de recriar) e indissociável desses mesmos traços do início. Por essa razão, é inseparável dos mitos e das imagens objetivas que com ele se integram.





Em suma, o rito carrega a sacralidade e põe em ação o sentimento de fé ao Sagrado e seu sentido de condução do espírito humano, revitalizando a energia do tempo e do espaço mítico. Ao repetir cuidadosamente e com veneração os acontecimentos paradigmáticos do tempo mítico, torna esta atividade presente, atualizada, e equipara o homem aos deuses, pois o põe na mesma trilha destes. Os ritos podem, portanto, simbolizar uma reiteração da origem e também celebra uma passagem ou transformação de estado (a morte, o nascimento, a adolescência, o matrimônio, a chefia, entre outros).

Ao se abordar as funções sócio-religiosas, os ritos também podem ser caracterizados como: ritos de passagem (nascimento, puberdade, casamento, morte); ritos de participação da vida divina (oração, sacrifício, consagração de pessoas ou lugares); e ritos de propiciação (que podem ser agrários, purificatórios ou expiatórios).

O espaço e o tempo em que ocorrem os ritos também assumem especificidades, como da inclusão e exclusão de locais e dos participantes dos ritos; a espacialidade do rito mostra que tais ações podem ou não ocorrer em qualquer espaço, desde os lares até a natureza, distante de tudo e de todos. Há várias cerimônias, como exemplo o Shabbath judaico, que são realizadas nos lares. Por outro lado, também se pode observar na fé católica, santos que visitam as casas.

Há também os ritos de ambulatórios, ritos cuja função é tirar a comunidade e os instrumentos sagrados ou símbolos de adoração dos templos. Incluem peregrinações, procissões, entre outras manifestações do sagrado em vias públicas.

É possível, resumidamente, afirmar que o rito é uma seqüência temporal de ações, compostos por diversas partes (ritemas), como um rito de iniciação, que traz em si provas, purificação, sacrifícios, entre outros ritemas. Como estrutura dos papéis a desempenhar, há diversos atores (participantes, oficiantes, espectadores, poderes evocados, etc.). Como estrutura teológica, o rito comporta os valores, comportamentos e hábitos éticos para sua eficácia e realização. Como meio simbólico, o rito comporta a transformação de locais e objetos em imagens, que darão sentido aos atos que, com a sen-



sibilidade, transformar-se-ão nos objetos da realidade sagrada ao qual se referem. Como sistema de comunicação, a estrutura do rito comporta as mensagens e sinais transmitidos através de códigos previamente estabelecidos, sobre o significado de cada um dos objetos presentes.

6.2 TIPOLOGIA DOS RITOS

O rito é algo contextualizado nas comunidades e pode ser categorizado em perspectivas diferenciadas. Por exemplo: ritos apotropaicos, ritos eliminatórios e ritos de purificação.

Os **ritos apotropaicos** criam afastamento das forças sobrenaturais. Trabalham principalmente com o sentido de proteção – para isso, exemplos são defumações, incensos e bênçãos.

Os **ritos eliminatórios** são a comprovação de que já houve a “infestação” do mal. Portanto, sua função clara é se utilizar do poder da divindade para “mandar embora o mal ou o pecado”.

Os **ritos de purificação** partem do princípio de que a pessoa faltou com alguma responsabilidade com o sagrado ou tem alguma culpa ou “mancha”, da qual precisa se libertar. A purificação ocorre, também, por meio do fogo e da água. Ainda podem ser feitas ofertas primiciais ou ritos sacrificiais com a intenção de purificação.

Outros ritos:

Ritos de repetição do drama divino: esses ritos buscam o resgate dos mitos divinos e sua atualização, com o efeito de identificação e participação do homem no evento divino de forma atemporal.

Ritos de transmissão de força sagrada: englobam os ritos de consagração e a imposição de mãos, como modo de receber força e energia divinas.

Ou ainda, segundo o ponto de vista antropológico:

Ritos ligados ao ciclo da vida: são os chamados ritos de passagem. Causam grande modificação do status do indivíduo perante a sociedade, pois é capaz de integrá-lo (nascimento, adolescência) ou separá-lo da mesma (morte). Também englobam os ritos





cíclicos, cuja importância é essencial em todas as religiões, e em torno dos quais se organizam os calendários. Incluem as festas da natureza (passagem das estações, colheita, plantio, entre outros) e também as festas de salvação, como Natal e Páscoa.

Ritos de fundo sociocultural e religioso: incluem os ritos de gracejo e rebelião. São tentativas de se ridicularizar, contestar, a sociedade e suas condutas culturais e tradições. Funcionam como antítese, como num processo dialético histórico-crítico, ao estado das coisas instituído (tese, o que se afirma como verdadeiro).

Ritos com conotação mística: são os ritos de meditação e transe, com ampla utilização em religiões mais primitivas, como a Santeria, o Vodun, o Xamanismo, entre outras.

6.3 RITOS DE PASSAGEM

Entre os diversos tipos de ritos, um que merece consideração mais detalhada é o rito de passagem. Esse tipo de rito faz remissão ao desenvolvimento dos indivíduos durante a vida, o que pode ser interessante para contextualizar didaticamente a disciplina de Ensino Religioso, interconectando-a à educação escolar de forma geral e às experiências pessoais, particulares, dos educandos.

O rito de passagem também remete, como nas mudanças dos ciclos vitais (infância – adolescência; adolescência – vida adulta; vida – morte), a uma mudança de estado de consciência. Essa transformação, de estado de espírito, que pode vir naturalmente, igualmente pode ser inculcada pela vontade, quando se tratar da necessidade do indivíduo, pelo menos momentaneamente, deixar de priorizar o plano material da existência para se postar perante a espiritualidade, como à sua sensibilidade de fé perante o Sagrado.

Desta feita, simbolicamente, é necessário se retirar da mundanidade do cotidiano físico, adentro a transcendência dos espaços sagrados, respeitando, por meio dos ritos – que se tornam uma espécie de código de acesso –, a crença presente no espaço sagrado em questão.

Contextualizando na escola, poder-se-ia dizer que as avaliações disciplinares são uma espécie de rito de passagem. Não sagrado no



sentido divino, religioso, mas 'sagrado' enquanto algo essencial para o sentido institucional da educação, pois denota, em determinada medida, uma passagem de estado de consciência do conhecimento por parte do educando (ou dito de outra forma, uma mudança do espírito, enquanto pensamento, do indivíduo aluno).

Enfim, é preciso se submeter às condições pensadas como importantes, os rituais, para que o indivíduo demonstre simbolicamente, ao grupo e/ou ao sagrado, sua intenção e merecimento sobre a passagem requerida ou esperada ou necessitada.

Os ritos de passagem, de uma maneira ou de outra, referem-se à passagem no sentido físico, ou material. O rito representativo da passagem física aponta para as formalidades transcendente-religiosas que precisam ser feitas para que se possa passar ou entrar em algum lugar. Assim como há a proibição de mulheres entrarem em mesquitas ou em certos lugares das sinagogas, também há proibições, por exemplo, que impedem os cristãos, muçulmanos, entre outros, de entrarem e até mesmo permanecerem em cidades que não compartilhem sua fé.

Símbolos presentes nos 'lugares sagrados' como estátuas, postes, pedras, entre outros, são marcos aos quais os devotos devem respeitar e já se constitui um rito de passagem, pois infere uma postura de conhecimento, consciência, das tradições religiosas presentes. Entre o lugar sagrado e o "mundo profano" existe um limite, um espaço neutro, que deve preparar o devoto para a entrada no 'santuário'. Para isso, há os ritos de passagem da porta. Pode-se dizer que são ritos realizados na própria soleira, são ritos de margem.

Com o rito de separação do meio anterior, há 'ritos de purificação' (a pessoa se lava, se limpa, etc.), em seguida, ritos de agregação (apresentação do sal, refeição em comum, etc.). Os ritos da soleira não são, por conseguinte, ritos 'de aliança', mas os ritos de preparação para a aliança, os quais são procedidos por ritos de preparação para a margem.

Também, nas soleiras e entradas dos locais sagrados pode haver 'divindades guardiãs', para as quais o ritual é dedicado, que podem estar representadas simbolicamente por desenhos, por estátuas ou, simplesmente, fazerem parte da tradição do grupo social. Neste





caso, a porta e a soleira dos espaços sagrados deixam de ser apenas locais para passagem material, mas também locais para passagem espiritual. E, da mesma forma que há ritos de passagem para a entrada de um local sagrado, também há ritos de saída destes locais.

Além dos ritos de passagem espacial, ou material, também encontramos os ritos de passagem temporal, também chamados de ritos do ciclo vital, que são realizados nos momentos de nascimento, pontos importantes da vida e morte, tanto de pessoas quanto do movimento sazonal (nascimento, vida e morte do "ano", o passar das estações, etc.), já que este tipo de passagem também interfere no estado de ânimo dos grupos de forma significativa.

A idéia central dos ritos de passagem dos ciclos vitais nas sociedades tradicionais serão vistos a seguir:

Em algumas das comunidades primitivas ou tradicionais, há a apresentação do recém-nascido à comunidade, especialmente se ele é filho de líderes, reis, entre outros e, principalmente, se for do sexo masculino. Esse rito ficou popularizado com a instituição do batismo no cristianismo que, além de significar a apresentação do bebê à sociedade, também simboliza sua passagem do mundo profano ao mundo religioso. Assim, além do aspecto religioso de purificação, há o aspecto simbólico no qual a criança é acolhida e protegida pela divindade. Esse aspecto de proteção é muito ressaltado, inclusive nas crenças antigas, de que as crianças "pagãs" corriam o risco de serem raptadas ou receber visitas de monstros ou demônios.

Os indígenas Kaingang atuais recebem normalmente três batismos: o batismo do nome Kaingang; o batismo em casa, relacionado ao catolicismo caboclo; e o batismo cristão (católico, evangélico ou pentecostal).

A primeira cerimônia é o batismo do nome indígena, que acontece na casa da criança, sendo, portanto, uma cerimônia doméstica. Durante o ritual de batismo Kaingang a criança é lavada pelos padrinhos, com algumas espécies de plantas escolhidas por eles, segundo características com as quais desejam que seja conformada a personalidade da criança. Por exemplo: lava-se a criança com plantas como unha de gato (virningru) para que seja "bom tre-



pador”, isto é, que suba em árvores com facilidade, que “derrube pinhas para sua mãe”. Afirmam que a criança foi “curada” para fazer tal tarefa; outros têm os olhos lavados com determinada erva para enxergar as abelheiras no mato; a criança pode, também, ser lavada com chá da folha do imbu, para crescer e engordar, mas fica mole (como o imbuzeiro), fácil de se quebrar; se a criança for lavada com chá da jabuticaba fica “miúdo, calmo e muito doce” (a fala dele), como a fruta; a tuneira – “que dá no perau” (penhasco) –, mole e espinhenta, torna o sujeito, que for batizado com ela, ruim e violento. Nesse último caso, trata-se das expectativas próprias da tradição guerreira dos Kaingang, adequada ao seu passado belicoso. Naquele contexto, valorizavam-se as qualidades do “Kaingang iu”, onde o objetivo é glosado comumente por “bravo, ruim”.

O casamento, em algumas comunidades antigas, era precedido de diversos “atrasos”, ou outros tipos de dificuldade ritual, que fariam com que os noivos demorassem a chegar ao momento do enlace. Atitudes como lágrimas, cortejos solenes, despedida formal da noiva da casa dos pais, fazem parte dos ritos, trechos do rito do casamento.

Os ritos envolvendo a morte eram os mais sérios nas religiões e sociedades mais antigas. O Bardo Thodol, livro dos mortos tibetanos, milenar conjunto de orações budistas, da tradição Vajrayana, para que o morto “escute” após sua morte, é um exemplo muito bem acabado da preocupação ritual com a qual os antigos encaravam a morte. Outros famosos livros dos mortos, como o Egípcio, o Maia e o Celta atestam a mesma preocupação.

O enfoque dos ritos varia, porém, entre grupos sociais e religiões: enquanto alguns se concentram em “ensinar” o caminho da salvação ao morto, em direção a algum paraíso (egípcios, entre outros), outros se preocupam em mantê-lo junto de seus descendentes (a grande maioria das nações indígenas); enquanto uns buscam os aconselhamentos dos mortos (grande parte das tradições africanas), outros procuram afastá-los, como fantasmas ou seres indesejáveis no curso da vida (todas as crenças que praticam o exorcismo). No último caso, a garantia de repouso dos mortos era a única garantia de tranquilidade dos vivos.





Analisando-se os ritos modernos, percebe-se que uma de suas características mais importantes foi se modificando: os ritos que simbolizam passagem do ciclo vital foram perdendo seu sentido, outros foram simplesmente ressignificados, ou esquecidos. O rito da adolescência também foi ressignificado, ou seja, recebeu outra carga de sentidos: os ritos que marcam o espaço entre o adolescente e o adulto já não existem mais – não há grandes festas de iniciação, nem difíceis provas que farão com que o menino se torne homem.

Porém, algumas tradições ritualizam esta passagem, um exemplo é o Bar Mitzvah, cerimônia judaica onde o menino, quando completa 13 anos, é apresentado na sinagoga e lê as escrituras sagradas da Torá, como sinal de sua passagem para a vida adulta, quando começa a ser responsável por seus próprios atos, segundo as leis judaicas. Existe o correspondente, Bat Mitzvah, para as meninas, com a diferença de que não há a leitura das escrituras.

Em se tratando dos ritos de passagem para a vida adulta, há certos resquícios que podem ser detectados. Para a menina, por exemplo, o baile de debutante se torna o símbolo de que será aceita na sociedade. Porém, na atual sociedade, este é um luxo ao qual uma quantidade bem pequena de jovens pode se dar. Para o menino que se torna homem, há a admissão no exército, aos 18 anos. A formatura dos rapazes que serviram ao exército pode significar a passagem para a vida adulta e a participação efetiva na vida nacional. Porém, essa passagem pelos esforços e sacrifícios de uma vida no exército também não é feita por todos. Além disso, as duas cerimônias perderam seu caráter sagrado.

As mudanças de posição dentro da sociedade, como assumir novos cargos também se dessacralizaram: quando os políticos assumem seu cargo em uma sociedade, há uma cerimônia de investidura de cargo, mas a situação de liderança, em qualquer aspecto, perdeu seu caráter divino ou sagrado. Tribos e nações antigas consideravam a liderança como direito e graça divina, mérito sagrado adquirido por mérito próprio ou nascimento.

Como se pode perceber, atualmente, cargos de liderança, seja ela em cargos públicos ou em empresas privadas, não são mais vis-



tos como uma deferência da divindade para com os líderes e, portanto, a recepção destes cargos não se constitui mais em um rito de caráter sagrado. Outro aspecto é a finitude dessa liderança: tanto na vida pública quanto na vida privada, há um “prazo de validade” para a liderança, que não será vitalícia, como o era antigamente, nem dependerá somente de quem a exerce.

Por outro lado, os ritos de passagem da vida social que ainda mantêm o caráter sagrado, em muitos de seus aspectos, são o casamento e a morte. O casamento “no religioso”, para algumas tradições, é considerado um sacramento pelo qual se pede a benção divina e os nubentes são apresentados à sociedade em sua nova condição de casal, que aceitaram em público. A instituição do casamento, embora fortemente abalada pela instituição do divórcio e pela liberação sexual que tomou maior impulso a partir da década de 1960, tem resistido no decorrer dos anos.

A morte também é uma passagem que tem mantido seu sentido de ritual sagrado. Seja no choro e na reza das “carpideiras” das comunidades longínquas no Nordeste, seja nos serviços religiosos em que se faz a “encomenda da alma” do morto, o caráter de fenômeno transcendente está presente na morte e nos aspectos que a cercam ou, até antes, nas orações pelo doente ou na extrema unção. Visitas ao cemitério e rituais no dia de Finados, dois de novembro, também celebram o caráter sagrado da morte. Ainda, há o rito chamado “Dias de los Muertos”, no México, festa muito importante para a cultura daquele país.

Na questão da morte, ainda, é importante apontar para as mudanças de atitudes que o fato sofreu no último século, como a diminuição do luto, as marcas públicas, como se vestir de preto. E o próprio rito diminuiu, sendo relegado, muitas vezes, a apenas um discurso simples, junto ao túmulo. Mesmo quando se celebra um enterro religioso, muitas vezes o rito não está mais lá, na medida em que o grupo reunido não é mais uma ‘coletividade’ que participa de uma emoção comum.

Um exemplo de rito moderno é o trote dos calouros, como uma transferência, para o mundo contemporâneo, de vários ritos iniciáticos religiosos antigos. Mesmo que tenha se perdido no tempo





seu caráter sagrado, o trote representa uma porta de entrada do calouro na sociedade fechada do grupo dos “veteranos”. Ele tem todas as características da iniciação religiosa de diversas religiões e seitas antigas: o calouro é testado em sua força e capacidade física, mental e psíquica, e precisa passar por diversas provações para demonstrar que merece um lugar naquela sociedade. Muitas vezes, o trote toma formas violentas e aviltantes contra a ‘pessoa humana’ e, por este motivo, mais recentemente, há um movimento para que acabe.

Passeatas políticas, manifestações, principalmente o carnaval, são também considerados como rituais. Tais momentos ritualísticos representam a convivência com uma espécie de tempo sagrado, para a qual houve uma preparação especial, onde mais nada importa, nem antes nem depois.

Assim, as tradições religiosas vivenciam os ritos, incorporando-os em seu cotidiano como um elemento necessário.

6.4 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

A questão dos Ritos é significativa para se compreender a leitura do religioso no cotidiano das comunidades. Ato sociais como aniversários, casamentos civis, cerimoniais funerários e conclusão de cursos – formaturas –, etc. são orientados por um roteiro implícito que conduz estes momentos. Assim também acontecem com os momentos religiosos, em que gestos, objetos e símbolos em conjunto explicitam ritos que buscam aproximar o ser humano ao sagrado.



Portanto, a reflexão sobre os ritos é para favorecer a compreensão das manifestações religiosas nas comunidades e para fortalecer



no educando a importante compreensão do que seja símbolo, base elementar de qualquer linguagem, de qualquer comunicação, de 're-ligação' ao que é comum na inter-relação das pessoas (veja-se que comunicação e comum têm o mesmo radical etimológico, o de 'algo que pertence a todos ou a muitos'). Por isso, entender os ritos é, com certeza, uma das mais visíveis formas de expressão da leitura do sagrado.

Para introduzir a compreensão dos Ritos, sugere-se iniciar por uma linha do tempo refazendo na história dos educandos os momentos em que a vida deles foi marcada por ritos: o casamento dos pais, o batizado, os aniversários, enterros, entrada na escola... Depois desta atividade o professor poderá aprofundar a reflexão em torno dos ritos religiosos, procurando compreender os símbolos e gestos utilizados nestes momentos, isto é, a linguagem que representam.

Com tais informações seria possível construir textos coletivos sobre os ritos religiosos que marcam a vida dos educandos da turma ou, então, organizar uma exposição de quadros desenhados pelos estudantes para explicitar a presença dos ritos no cotidiano das comunidades.

Uma outra atividade poderia ser catalogar, por exemplo, as diferentes formas de como são organizados os batizados ou os casamentos ou outro rito apresentado na turma nas diferentes tradições religiosas.



Unidade

7



Programa Nacional dos Direitos Humanos

Incentivar o diálogo entre movimentos religiosos sob o prisma da construção de uma sociedade pluralista com base no reconhecimento e no respeito às diferenças de crença e culto.

Proposta 113

FESTAS RELIGIOSAS



A humanidade sempre busca explicações para o desconhecido, seja para a morte, seja para a vida, na busca do significado para perguntas intrigantes da existência. Nesse contexto, as festas nas tradições religiosas apresentam elementos simbólicos como mitos, ritos, liturgias, músicas, danças, luxo e beleza. Toda festa, mesmo quando não religiosa, teve, em sua origem histórica, uma vinculação com a religião. Afinal, em qualquer situação, seu objetivo sempre foi o de aproximar as pessoas, movimentar o povo, propiciar um estado de fervor. Observa-se também que, tanto nas festas ditas religiosas ou nas festas laicas, os elementos são os mesmos: cantos, danças, músicas, etc.

Nessa perspectiva, podem ser observados três aspectos básicos de uma festa: a superação das distâncias entre os indivíduos, a produção de um estado de “efervescência coletiva” e a recapitulação das normas coletivas. É a ‘re-ligação’ humana efetivando-se.

Assim sendo, as festas são um dos elementos importantes nas tradições/manifestações religiosas de todo mundo. Afinal, quando as pessoas são colocadas em grupo, algumas situações são comuns para todos, como conversar, brincar, lembrar fatos, acontecimentos. E, entre esses elementos, além do rito, da palavra sagrada, está o divertimento em grupo. Na festa religiosa, do mesmo modo que na religião, o indivíduo desaparece no grupo e passa a ser uma expressão do coletivo. Nesse instante são reafirmadas as crenças grupais e as regras que tornam possível a vida em sociedade no espaço sagrado ou social. Ou seja, o grupo reanima, periodicamente, o sentimento que tem de si mesmo e de sua vinculação com o sagrado. Nesse momento, as pessoas são reafirmadas em sua natureza de seres humanos, sociais e políticos, no seio da comunidade.

Com o transcorrer do tempo, a coletividade, a vivência em grupo, passa a reunir mais forças, a abranger novas dimensões sociais na vida das pessoas desses grupos, fundamentando, desta feita, a vida comunitária dessa ou daquela tradição religiosa, fortalecendo-a.

Assim, um dos caminhos utilizados pelas tradições religiosas para aglutinar os grupos são as festas religiosas, pois o sentimento de felicidade que advém com ela reforça e une os grupos e logo se tornam imprescindíveis nas tradições religiosas – tanto nas cerimônias



festivas ou nos rituais religiosos, como casamentos, batismos, etc. – para reafirmar os laços sociais que ocorrem nesses momentos.

Deste modo, pode-se afirmar que quanto mais for propiciado aos grupos meios de se integrarem adequadamente, mais seus membros vão se sentir unidos a esta fé religiosa e, assim, a festa religiosa pode consistir em um dos meios mais apropriados de interação e difusão dos seus simbolismos, já que ela efetiva a necessidade humana de alteridade. As festas também podem ser pensadas como reuniões sociais que propiciam um agrupamento de forças na direção da aproximação social dos diferentes grupos, pois são, geralmente, abertas a todos. Por isso, as festas são uma força em sentido contrário ao da dissolução social.

As festas têm também como função fortificar o espírito fatigado das pessoas, ou seja, nas festas religiosas, as pessoas têm acesso a uma vida de inteira comunhão com o sagrado, podendo, assim, refletir mais sobre suas experiências existenciais, tanto no plano concreto como transcendente.

Em uma festa religiosa não se pode esquecer a necessidade de compreensão da linguagem simbólica presente para participar efetivamente de todos os acontecimentos da festa. Caso isso não ocorra, a pessoa pode até gostar do que presencia mas não será capaz de perceber e compreender tudo que ocorre ao seu redor, enfim, encontrar o sentido de estar vivenciando aquele momento.

Elementos básicos e comuns nas festas religiosas são a música e a dança.

A música é um dos elementos da festa religiosa e consegue envolver as pessoas provocando nelas uma imensidão de sentimentos: deprime, acalma, excita, etc.. É um instrumento poderoso que pode tocar o sentimento humano, amenizando os problemas e sofrimentos. Adentra na alma sua mensagem pela sensibilidade quase que de uma forma sublime, quando ocorre sintonia da mensagem transmitida com as necessidades do espírito humano.

Desta forma, a música se faz necessária nos acontecimentos sagrados das diferentes tradições religiosas: nos cultos, nas liturgias e demais acontecimentos sagrados como forma de possibilitar o envolvimento e a participação coletiva.





A música e a dança ligam, integram e religam o homem a si mesmo, dando consciência de seu corpo, indo ao encontro do outro. A música e a dança religam a pessoa ao todo, ao cosmos, ao transcendente/imanente, pois ajudam as pessoas, os grupos na superação dos limites mantendo acesa a crença na força da vida.

Nas festas religiosas o luxo e a beleza se fazem presentes, por serem elementos mantenedores dos sonhos e esperanças, renovando a força e sua alegria, bem como lembrando momentos marcantes para a comunidade religiosa. E estes elementos, luxo e beleza, aparentemente supérfluos a uma vida bem regrada, o que é uma mensagem comum das tradições religiosas, funcionam como uma espécie de símbolo visual da busca de uma vida melhor, de subsistência tranqüila, na qual a beleza e o luxo, enfim, possam ser desejados sem culpa, pois é um ideal moderador da distância entre os sofrimentos da vida carnal e os auspícios da vida espiritual.

Cada comunidade religiosa possui uma grande variedade de festas. São momentos em que os membros se reúnem com muita alegria e também para pedir ou agradecer algo que aconteceu. É importante conhecer algumas dessas festas religiosas para que se possa perceber a beleza dos ensinamentos que existem em cada uma delas.

Em algumas religiões africanas, existe a tradição da celebração de festas, entre as quais a que é realizada no início da primavera. Nessa comemoração, entre danças e músicas alegres, as pessoas pedem um ano abençoado, com boas colheitas e proteção dos perigos. Enfim, os maiores desejos e necessidades humanas: subsistência e segurança, que é um dos principais motivos de os homens se agruparem em sociedade e, por fim, constituírem cidades e a sociedade.

Pode-se imaginar as pessoas todas cantando e dançando alegres, por um novo período que está começando, o período do plantio. Nestes momentos de festa, as pessoas mais idosas, sentadas em volta da fogueira, aproveitam para contar às crianças histórias maravilhosas sobre a criação de todas as coisas.

Outro exemplo, a festa do Kikikoi, pode ser considerado como o centro da vida ritual Kaingang. É a mais importante festa, sendo ao



mesmo tempo sagrada e profana, pois simboliza a sintonia da vida humana com o seu destino existencial.

Como explicam os Kaingang, a realização desse cerimonial depende do interesse da família do morto: se ela se preocupa com a alma do falecido, se deseja que ela vá para o bom destino e não perturbe a vida dos seus parentes vivos. É também do interesse dos espíritos dos mortos, porque durante o cerimonial do Kiki eles podem vir festejar junto com os vivos. Embora a festa não aconteça todos os anos, quando é realizada, ocorre entre os meses de abril e junho, época em que há abundância de alimentos, especialmente pinhão e milho verde, mas também mel e caça, tornando possível recepcionar os que vêm de outras aldeias para a festa.

Outra festa importante é a dedicada a Inti, o deus Sol, realizada no final do inverno, pelo povo inca que vivia na América do Sul antes da chegada dos colonizadores. Nessa festa, a comunidade se reunia em uma grande praça, onde participavam o imperador, os grandes chefes do povo e todos os sacerdotes religiosos. Era uma festa especial porque, depois dos longos meses de inverno, em que todas as pessoas sofriam com a temperatura baixa e as plantas não conseguiam crescer, o deus Sol retornava com seu calor e seu brilho como que prometendo a todos um ano de abundantes conquistas. Essa festa trazia a toda comunidade novas forças, novo ânimo, além de servir de motivo de unidade entre todos os seus membros.

Há, ainda, muitas festas budistas ao longo do ano. As mais importantes marcam acontecimentos da vida do Buda, com o seu nascimento e iluminação. Algumas são celebradas por todo o mundo budista. Mas a forma como são celebradas varia de um país para outro em função dos costumes e tradições locais. As festas são muito alegres. Os budistas vão ao templo ou ao mosteiro levando oferendas para os monges e monjas. A festa mais importante acontece em dias de lua cheia, quando, acredita-se, ocorreram os principais acontecimentos da vida do Buda.

Já as festas hinduístas são alegres e animadas. Reúnem famílias e comunidades para comemorações coletivas. São comemorados aniversários dos deuses, mudança de estação, época das colheitas,





Diwali (festa das luzes), Holi (chegada da primavera). A música e a dança são elementos importantes das festividades e comemorações hinduístas. Dançarinos e músicos se apresentam em templos e são convidados também para animarem casamentos. A música e a dança seguem regras precisas, estabelecidas há milhares de anos. Bhajans é um estilo de músicas que são cantadas e dançadas em templos. Cada região da Índia possui suas próprias músicas e danças.

Nas festas judaicas se celebram os propósitos salvadores de Deus, que são marcos importantes na história deste povo. Entre as importantes festas judaicas destacam-se: o Pessach ou Páscoa, que celebra o êxodo ou saída do Egito; o Shavout ou Pentecostes, que é a festa das colheitas ou primícias; o Rash Hashará ou Ano Novo; o Yom Kippur ou o Dia do Perdão; e o Sucot ou Festa dos Tabernáculos.

Na Tradição Afro, a Festa de Iemanjá é muito divulgada. A comemoração da festa de Iemanjá é originária da África, mais especificamente da Nigéria. Na Nigéria há um rio chamado Iemanjá. Iemanjá seria filha de Olokum (mar) e a mãe de grande parte dos Orixás. Segundo a crença a cor que a representa é a branca. A data que se comemora esta tradição no Brasil é um paralelo a uma festa religiosa cristã, a de Nossa Senhora dos Navegantes. A tradição Afro no Brasil segue muitos paralelos da religião historicamente dominante, a Católica, até como uma forma de se preservar e agradar, evitando ou amenizando possíveis perseguições de credo.

Iemanjá juntamente com o orixá Oxalá teriam criado o mundo. Entre os africanos, ela seria a deusa da fertilidade e fecundidade. Entre os seguidores de Iemanjá há a crença de que eles devem dançar imitando os movimentos das ondas do mar. Iemanjá é representada carregando um espelho e um leque de metal. Para seus seguidores Iemanjá é a representação da criação efetivada.

A festa de Iemanjá chegou ao Brasil com o tráfico negreiro e aqui a mais famosa festa de Iemanjá é comemorada no dia 2 de fevereiro, na Praia do Rio Vermelho, em Salvador, na Bahia. Assim, nesta data, todos os anos uma multidão de pessoas das mais dife-



rentes tradições religiosas, participam desta festa em homenagem à Iemanjá que, segundo eles, é a mãe de todos os orixás.

No Islã, as festas mais importantes são os dois Eids. Eid-ul-Fitr cai no primeiro dia do mês de Shawwal, após o Ramadã e celebra um mês de jejum e a chegada do Corão. Eid-ul-Adba, que acontece no décimo dia de Dhul-Hijjah, o último mês do ano, é o Eid do Sacrifício, quando animais são sacrificados para lembrar a obediência de Ibrahim a Alá. Os dois dias são feriados nos países muçulmanos. São dedicados a orações, visitas a parentes e amigos, com refeições conjuntas e trocas de presentes. Donativos em comida, dinheiro e roupas são feitos a pessoas pobres. Durante as festas, os muçulmanos geralmente presenteiam com comida todos os visitantes.

A comunidade religiosa cristã católica possui várias festas importantes, entre elas, a festa da Páscoa. É a comemoração de uma das passagens mais importantes da vinda do 'Filho de Deus' à terra: a Ressurreição de Cristo.

Assim, quase todas as tradições religiosas possuem momentos celebrativos, nos quais a sua comunidade se reúne para festejar e rememorar a presença do sagrado.

7.1 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

Um encaminhamento metodológico interessante pode ser a elaboração de painéis ou cartazes sobre algumas tradições religiosas e suas respectivas festas, tendo como referencial o texto de fundamentação que apontam para as tradições religiosas e suas festas, enfatizando a beleza e o colorido dessas festas.

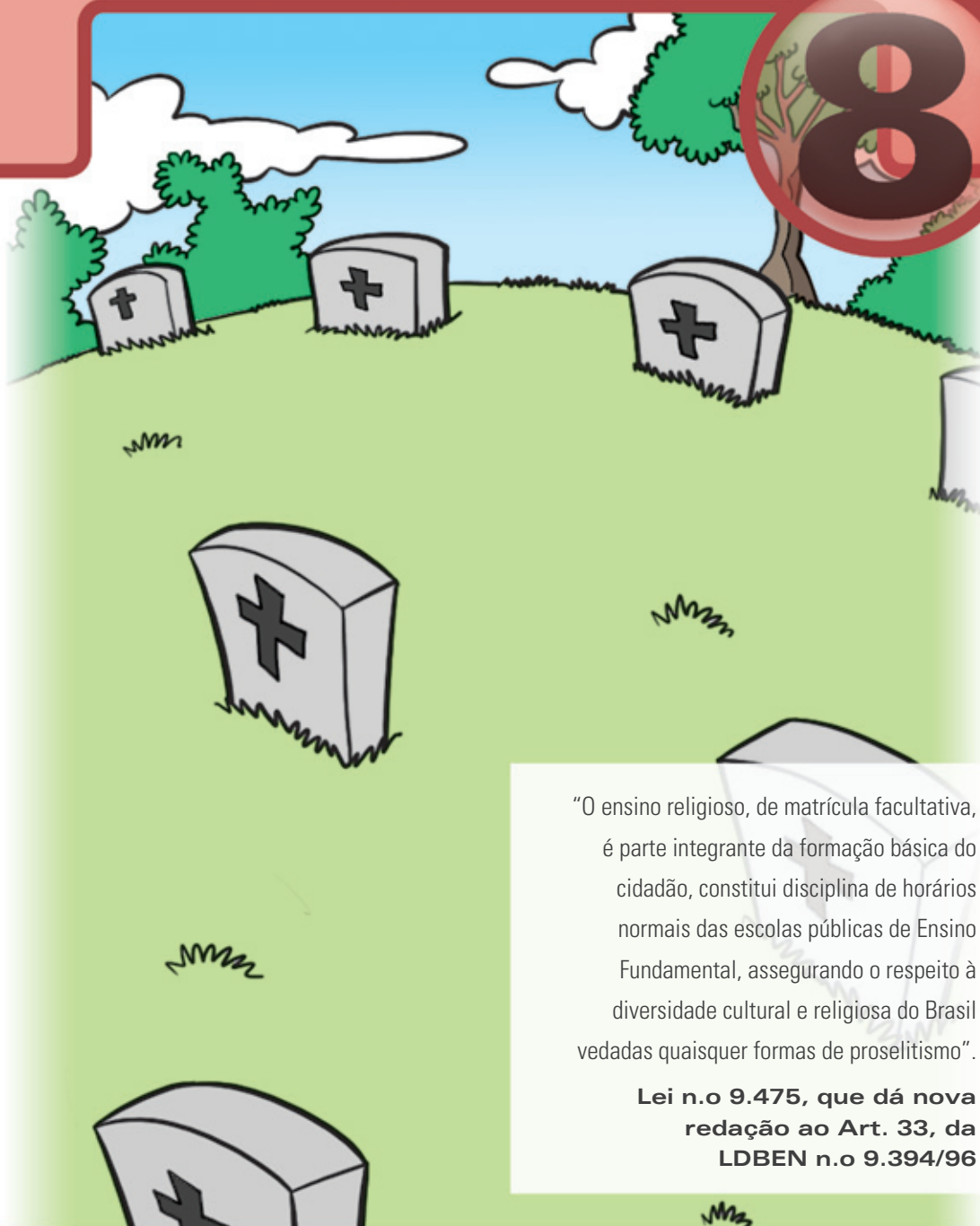
O professor poderá propor aos alunos que se imaginem como membros da comissão organizadora de uma festa religiosas e teriam de fazer propaganda para divulgar a festa: Como montariam esta propaganda?

Uma característica marcante nas festas religiosas é a música e a dança. Os educandos poderiam organizar uma dança, encenação ou mesmo uma canção que seja comum nas festas religiosas.



Unidade

8



“O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão, constitui disciplina de horários normais das escolas públicas de Ensino Fundamental, assegurando o respeito à diversidade cultural e religiosa do Brasil vedadas quaisquer formas de proselitismo”.

Lei n.º 9.475, que dá nova redação ao Art. 33, da LDBEN n.º 9.394/96

VIDA E MORTE

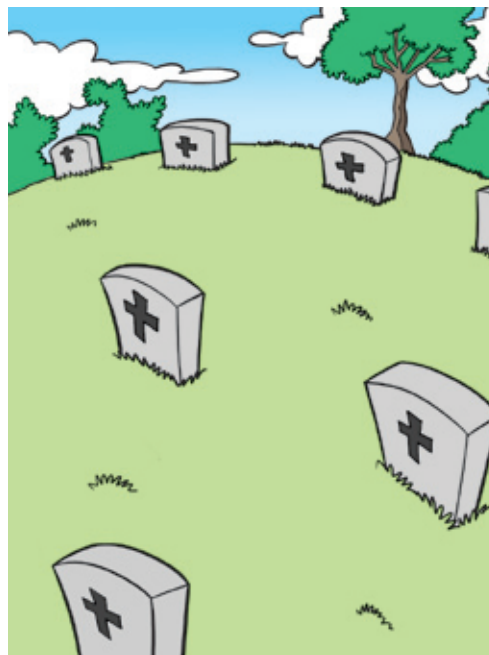


A morte é uma temática bastante complexa e trabalhada em profundidade no interior das diferentes perspectivas religiosas existentes no mundo. A morte sempre inquietou o ser humano uma vez que parece tirar do sujeito qualquer possibilidade de continuidade de seus projetos de mundo e de vida.

Este fenômeno é um corte profundo na possível ilusão humana de que as coisas podem permanecer como são pela eternidade. O reconhecimento da experiência abrupta do fim faz eclodir sentimentos de angústia, saudades, remorsos, inconformismo, etc. Não há como fugir à morte do sujeito concreto, material, não há como evitá-la.

Contudo, há, de alguma forma, uma sensação que permeia os sonhos humanos de que existe uma realidade suprema que resgata e transmuta a realidade mundana. As diversas tradições religiosas, de um jeito ou de outro, conferem e institucionalizam essa sensação peculiar ao espírito humano. E, todo ser humano instado no mundo – cultural, social e religiosamente – sente e reflete esta experiência transcendente de existência e fim, intuindo o sentido, o objetivo e a razão, da função da vida e o mistério que envolve sua possível morte ou transmutação.

Assim, a morte, sob um viés de concretude materialista, traz à consciência humana a certeza de um fim, mas, por outro lado, também abre perspectivas para um novo começo, cercado de mistérios e que se encontra simbolizada em narrativas de ordem religiosa. As tradições religiosas do mundo se ocupam em definir, em sugestões simbólicas, para os sujeitos o que será a vida após a morte. Apresentam esperanças e ajudam, por meio dos rituais mortuários, as pessoas a se recuperarem psicologicamente da terrível dor que se apresenta na realidade material de se perder alguém.





A religião aponta fundamentalmente para símbolos que expressem o ser humano enquanto ser de continuidade. Apresenta a vida e a morte enquanto ciclos de um mesmo processo, estágios que permitem evolução da consciência ou do espírito, o que, em certa medida, são o pensamento (a atitude racional e sentimental) e que se destinam a um encontro final com a bem-aventurança e com o mundo espiritual, no qual habitam o sagrado: suas divindades, seus deuses, deusas, seres evoluídos e até mesmo onde poderão reencontrar pessoas queridas. Outras vezes, a religião aponta para uma transformação substancial da vida, na qual o ser retorna à sua origem, ou seja, volta a ser uno com tudo e com todas as coisas, como se se dissolvesse na totalidade, sentindo-a eternamente e fazendo-a senti-lo, já que criou uma identidade ao existir e viver.

De maneira sintética, apresenta-se aqui algumas perspectivas religiosas para a vida após a morte, entre elas: ancestralidade, reencarnação, ressurreição e o nada. Cada tradição religiosa aponta, a seu modo, para aquilo que deverá acontecer com a pessoa após sua morte.

Na crença da ancestralidade são os antepassados que continuam presentes na vida cotidiana de seus familiares, aldeia, a fim de garantir-lhes, por meio de sua orientação, a proteção e os benefícios de uma vida repleta de alegrias. Isto porque quando os ancestrais morreram, deixaram de existir apenas fisicamente e passaram a conviver com seus entes queridos em forma não palpável. O contato com eles pode se dar por meio de sonhos, transe, podendo ser facilitado pela ingestão de substâncias psicoativas, rituais, etc.

Muito presente em certas nações indígenas, no candomblé, na umbanda e no xintoísmo, espiritismo, entre outras religiões, a crença na ancestralidade faz com que os que já foram embora desta vida, os que morreram, estejam sempre ligados aos que ainda vivem, formando uma linha de continuidade por meio das lembranças, homenagens, rituais, etc. Ações que, de certo modo, favorecem e mantêm a coesão entre a vida e a morte, trazendo os benefícios deste relacionamento transformados em cuidados e afetos concretizados na vida cotidiana das pessoas.



O ritual hinduísta de prestar culto aos ancestrais, por exemplo, é a expressão viva e concreta da crença na possibilidade de relacionamento entre os vivos e os mortos. O respeito aos que já se foram modela o respeito que apresentam para com os mais velhos. Na África é costume dizer que “cada ancião que morre é uma biblioteca que se perde”. Esta valorização dos mais velhos é resultado do entendimento de que estes carregam conhecimentos resultantes de sua longa jornada na vida e que esta sabedoria, uma vez reverenciada, constituirá a identidade de um povo, pois seus ancestrais reverenciados não os abandonarão e continuarão presentes, mesmo que não na forma física, para guiar e proteger seus descendentes. Assim, será sempre mantido o ritmo cultural, social e político do povo.

A crença na ancestralidade constrói uma ética de valorização da vida em todas as suas fases e é uma maneira de guardar tradições a fim de manter viva a sabedoria de um povo, o qual se sente irmanado, formando uma verdadeira família. Algumas nações indígenas são um exemplo bem claro disto. As nações se comportam como uma unidade: todos se preocupam com todos. Em certa medida, este princípio é o mesmo da constituição de qualquer agrupamento social, mas que tem se perdido em meio à complexidade da vida moderna e dos interesses que daí derivam.

Os rituais dançados em círculo e de mãos dadas são o símbolo desta unidade entre os indígenas. A fogueira acesa no centro da roda traz a memória de todos os ancestrais, pois, cada vez que a fogueira é acesa, costuma-se dizer que é o mesmo fogo que volta, aquele fogo que ouviu e acompanhou as vivências da aldeia desde os primórdios de seu surgimento. É o fogo que se renova e que ainda assim é o mesmo, símbolo que serve como a testemunha viva de cada integrante e de cada momento vivido.

A crença na reencarnação aponta para a perspectiva de que a pessoa possui um espírito que, com a morte do corpo, abandoná-lo-á e seguirá sua trajetória rumo a um novo nascimento, em outro corpo, a fim de continuar com sua jornada na Terra, que pode apresentar a função de aprendizagem, na qual o espírito deve realizar



seus aprendizados, uma espécie de evolução. Esse é o caso, por exemplo, da crença espírita. Ou da perspectiva hinduísta, na qual a pessoa deverá buscar a libertação final de seu espírito, por meio de práticas espirituais, como a meditação e outras formas, a fim de não precisar mais renascer e sofrer pela não-completude neste mundo.

A reencarnação tem uma de suas origens na própria observação do movimento cíclico da natureza, onde tudo que vive e morre torna a brotar para uma vida nova. Pode-se tomar, como exemplo, a árvore que, em vida, dá frutos. Estes, ao caírem no chão, tornar-se-ão novas árvores. Cabe considerar que a semente do fruto foi muitas vezes comparada à essência humana, à sua alma, capaz de renovação constante.

Para a religião de Wicca, ou seja, do culto ao Sagrado Feminino “Deusa”, a crença na reencarnação significa que é possível voltar a viver na terra acompanhado de pessoas amadas. A crença na reencarnação é bastante encontrada naquelas religiões que mantêm contato estreito com a natureza, como é o caso de Wicca.

A ressurreição é a crença que define para o ser humano a possibilidade de, após a morte, voltar à vida com o mesmo aspecto físico que possuía em vida. Por causa da crença no juízo final, no qual todos voltarão à vida para serem julgados, conforme algumas interpretações cristãs, os corpos são enterrados e não cremados, na espera deste dia. No Egito antigo esta crença de ressurreição dos mortos se concretizava no processo de mumificação dos corpos, pois um dia a pessoa voltaria a viver.

A doutrina da ressurreição está bastante presente no cristianismo, islamismo e judaísmo. Para os cristãos, Jesus morreu e ressuscitou dos mortos, anunciando o destino da humanidade. Neste aspecto, ressuscitar significa voltar a viver, porém, não neste mundo, mas em outro habitado por Deus.

Algumas pessoas acreditam que não há vida além da morte, é a crença no nada, também conhecida como niilismo, ou negação. Geralmente, são pessoas que não seguem nenhuma doutrina religiosa e que entendem que, ao morrerem, voltarão para o lugar de onde





vieram antes de nascer, ou seja, ao universo, enquanto átomos dispersos ou apenas desintegrados no todo.

Enfim, estas são algumas crenças encontradas nas diferentes manifestações religiosas do mundo e que orientam seu destino influenciando não apenas a sua perspectiva de morte, mas também a forma como vivem suas vidas.

8.1 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

O tema em questão, a morte, pode parecer muito sério para ser exposto a alunos do Ensino Fundamental, contudo, pode-se, com o conto popular colocado a seguir, trabalhar com os alunos com certa naturalidade a questão da morte, dirimindo certos constrangimentos que o tema possa infundir. Pode-se, entre outras possibilidades, encenar-se o texto como uma peça de teatro, criando-se personagens como o médico, a Morte, etc. Com muito bom humor, poderá ser um momento de descontração não só da turma, mas de toda a escola, já que age de forma interdisciplinar com as disciplinas de Artes e Língua Portuguesa.

O Compadre da Morte

Diz que era uma vez um homem que tinha tantos filhos que não achava mais quem fosse seu compadre. Nascendo mais um filhinho, saiu para procurar quem o apadrinhasse e, depois de muito andar encontrou a Morte, a quem convidou. A Morte aceitou e foi a madrinha da criança. Quando acabou o batizado voltaram para casa e a madrinha disse ao compadre:

- Compadre! Quero fazer um presente ao meu afilhado e penso que é melhor enriquecer o pai. Você vai ser médico de hoje em diante e nunca errará no que disser. Quando for visitar um doente me verá sempre. Se eu estiver na cabeceira do enfermo, receite até água pura que ele ficará bom. Se eu estiver nos pés, não faça nada porque é um caso perdido.

O homem assim fez. Botou aviso que era médico e ficou rico do dia para noite porque não errava. Olhava o doente e ia logo dizendo:



– Este escapa!

Ou então:

– Tratem do caixão dele!

Quem ele tratava, ficava bom. O homem nadava em dinheiro.

Vai um dia adoeceu o filho do rei e este mandou buscar o médico, oferecendo uma riqueza pela vida do príncipe. O homem foi e viu a Morte sentada nos pés da cama. Como não queria perder a fama, resolveu enganar a comadre, e mandou que os criados virassem a cama, os pés passaram para a cabeceira e a cabeceira para os pés. A Morte, muito contrariada, foi-se embora, resmungando.

O médico estava em casa um dia quando apareceu a sua comadre e o convidou para visitá-la.

– Eu vou – disse o médico – se você jurar que voltarei!

– Prometo – disse a Morte.

Levou o homem num relâmpago até a sua casa.

Tratou-o muito bem e mostrou a casa toda. O médico viu um salão cheio, cheio de velas acesas, de todos os tamanhos, uma já se apagando, outras vivas, outras esmorecendo. Perguntou o que era:

– É a vida do homem. Cada homem tem uma vela acesa. Quando a vela se acaba, o homem morre.

O médico foi perguntando pela vida dos amigos e conhecidos e vendo o estado das vidas. Até que lhe palpitou perguntar pela sua. A Morte mostrou um cotoquinho no fim.

– Virgem Maria! Essa é que é a minha? Então eu estou morrendo-morre!

A morte disse:

– Está com horas de vida e por isso eu trouxe você para aqui como amigo, mas você me fez jurar que voltaria e eu vou levá-lo para você morrer em casa.





O médico quando deu acordo de si estava na sua cama rodeada pela família. Chamou a comadre e pediu:

– Comadre, me faça o último favor. Deixe eu rezar um Padre-Nosso. Não me leves antes. Jura?

– Juro – prometeu a Morte.

O homem começou a rezar o Padre-Nosso que estás no céu.... E calou-se. Vai a Morte e diz:

– Vamos, compadre, reze o resto da oração!

– Nem pense nisso, comadre! Você jurou que me dava tempo de rezar o Padre-Nosso mas eu não expliquei quanto tempo vai durar a minha reza. Vai durar anos e anos...

A Morte foi-se embora, zangada pela sabedoria do compadre.

Anos e anos depois, o médico, velhinho e engelhado, ia passeando nas suas grandes propriedades quando reparou que os animais tinham furado a cerca e estragado o jardim, cheio de flores. O homem, bem contrariado, disse:

– Só queria morrer para não ver uma miséria destas!....

Não fechou a boca e a Morte bateu em cima, carregando-o. A gente pode enganar a Morte duas vezes mas na terceira é enganado por ela.

(João Monteiro, Natal RN)

CÂMARA CASCUDO, Luís da [Compilado por]. Contos Tradicionais do Brasil. 9a ed. São Paulo: Global, 2001, pp. 312-313.

Outra proposta de encaminhamento metodológico para o tema da Morte é que o professor conduza seus educandos para que assistam a última parte do filme *Sonhos*, de Akira Kurosawa, intitulado: *Povoado do Moinho*. O filme todo trata de refletir sobre a condição da vida e da morte das pessoas, na ótica da cultura japonesa. Este quadro mostra o diálogo entre um homem jovem e um aldeão velho que apresenta a vida sob a perspectiva da natureza e culmina com a apresentação da morte, nesta mesma perspectiva. O tempo da projeção não passará de dez minutos e oferecerá material riquíssimo.



mo para processos de reflexão e ponto de partida para a realização de atividades diversas e pesquisa.

Ficha Técnica do filme **Sonhos**

- Título Original: Yume
- Gênero: Drama
- Tempo de Duração: 119 minutos (de todo o filme)
- Ano de Lançamento (Japão): 1990
- Estúdio: Akira Kurosawa USA
- Distribuição: Warner Bros.
- Direção: Akira Kurosawa
- Roteiro: Akira Kurosawa
- Produção: Mike Y. Inoue e Hisao Kurosawa
- Música: Shinichirô Ikebe
- Fotografia: Kazutami Hara, Takao Saitô e Masaharu Ueda
- Desenho de Produção: Yoshirô Muraki e Akira Sakuragi
- Direção de Arte: Yoshirô Muraki e Akira Sakuragi
- Figurino: Emi Wada
- Edição: Tome Minami
- Efeitos Especiais: Industrial Light & Magic / Den-Film Special Effects Unit / Ohira Special Effects

A partir da idéia do filme, no caso, a parte final que será repassada aos educandos, poder-se-á iniciar o processo de interpretação e de reflexão sobre a temática apresentada. Como sugestão de atividade os educandos, podem ser direcionados a realizar uma entrevista com pessoas de seu conhecimento acerca do tema morte.

Sugestão de roteiro:

Sexo:

Idade:

O que você acredita que acontece com as pessoas depois que morrem?





Em posse das entrevistas, os educandos poderão ser divididos em equipes e buscar informações sobre o que afirmam algumas religiões a respeito do que acontece após a morte. Cada equipe pode trabalhar com uma temática, seja ela ancestralidade, reencarnação, ressurreição ou o nada. Podem construir cartazes para que, em linguagem visual, apresentem informações sobre a crença em questão, com espaço para grampear todas as entrevistas que se caracterizarem neste campo.

Após concluídas as etapas de pesquisa, construção do cartaz, apresentação e ato de anexar todas as entrevistas que corresponderem ao cartaz, os educandos poderão assistir a trechos de outros filmes, escolhidos pelo professor e que mostrem alguma concepção religiosa para a vida além morte. Espera-se que os alunos relacionem a concepção à crença religiosa que a veicula.

Texto para Reflexão

VOCÊ SABIA QUE...

No México a morte está bastante presente nas ruas das cidades? Pois é, existem muitas ruas mexicanas que recebem nomes, tais como: Calçada dos Ossos; Barranco da Morte; Rua da Morte, entre outras. Você já viu algo parecido com isto no nosso país?

Aqui no Brasil é costume dar nome de pessoas já falecidas às ruas, a fim de homenageá-las.

Muitas vezes, ouvimos ditados e refrões populares que falam sobre a morte, como, por exemplo: "Ao morto a sepultura ao vivo a travessura", ou ainda "Ao vivo tudo lhe falta, ao morto tudo lhe sobra". Você se lembra de alguma outra frase?

As religiões organizam os rituais para o momento da morte e também a forma como os corpos serão tratados. Alguns cristãos optam por enterrar os seus mortos por causa da espera do dia do juízo final, onde acreditam que os corpos voltarão à vida e serão julgados conforme suas ações. Outras pessoas, entre elas os hinduístas, preferem cremar os corpos, transformando-os em cinzas,



pois acreditam que o corpo já cumpriu a sua finalidade e o espírito não precisa mais dele.

Curiosamente, os budistas tibetanos que habitam as altas montanhas do Himalaia preferem entregar os corpos picados para que os abutres se alimentem deles, acreditam que, deste modo, o corpo do falecido continua sendo útil, prestando um serviço a outro ser vivente, além de higiênico este ato é também poético, pois, simbolicamente, algo do morto fica livre, sobrevoando os céus.

Muitas vezes, encontramos a cor roxa nos velórios cristãos. O motivo de sua presença é bastante interessante. As cores nos rituais são elementos simbólicos que pretendem comunicar uma mensagem. O roxo é a combinação de duas cores, do vermelho e do azul. O vermelho significa a vida, pois o sangue que corre nas veias dos seres vivos é vermelho, enquanto que o azul significa o espaço celeste, o infinito, onde Deus habita (na crença de alguns). Sendo assim, o roxo simboliza a união do mundo material com o mundo espiritual.

Apresentação de um poema para leitura coletiva

DONA OSSOS

(Emerli Schlogl)

Dona Ossos anda por aí

Com a sabedoria de quem conhece profundamente

Cada pedacinho de vida e de morte

Ela acolhe em seus braços e oferece serenidade

Para todo aquele que sofre de enfermidade fatal

Ela oferece a possibilidade de uma nova vida espiritual

Para todo aquele que acredita na ressurreição

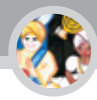
E que quer ter a seu lado novamente





Todos aqueles que em vida amou
Ela oferece a oportunidade de reencarnação
Para todos aqueles que acreditam que podem melhorar
E que nova vida aqui na terra trará possibilidades
De aprendizagem para seu espírito
Dona Ossos organiza e possibilita
Que os ancestrais fiquem amorosamente unidos
Cuidando e protegendo seus descendentes
Sua comunidade, seus entes queridos
A Dama dos Ossos, a Igualadora
Ou a Bem Amada, como alguns poetas a chamam
Também possibilita aos que crêem no nada
Que a vida, na morte, desfaça todos os nós
E que descansem em paz

Pode-se sugerir aos educandos que escrevam algo, uma síntese, sobre o conteúdo trabalhado. Os estudantes também podem utilizar um dos nomes que seguem: A Ladra; A Amada Imóvel, A Caveira, A Maldita, A Careca, A Certeira, A Comadre, A Dama da Foice, A Dama do Véu, A Descarnada, A Desdentada, A Magra... e com ele criar uma história em quadrinhos cujo personagem central seja a morte. As histórias poderão ser expostas em varal didático.



INDICAÇÃO DE SÍTIOS E LEITURAS

Além das leituras indicadas nas referências e bibliografia, sugere-se os seguintes livros que constam na biblioteca do professor e endereços eletrônicos:

LEITURAS

ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano**. A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FIGUEIREDO, Anísia de Paulo. **Ensino Religioso – Perspectivas Pedagógicas**. Petrópolis: Vozes, 1995.

MARCHON, Benoit; Jean-François. **As Grandes Religiões do Mundo**. São Paulo: Paulinas, 1995.

MARTELLI, S. **A Religião na Sociedade Pós-Moderna**. São Paulo: Paulinas, 1995.

SÍTIOS

www.gper.com.br – que possui uma biblioteca virtual com a relação de outros sites, textos e artigos que poderão subsidiar a formação do professor.

www.diadiaeducacao.com.br – Portal educacional da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, que contém relatos de experiências dos professores da Rede Pública Estadual, recursos didáticos para pesquisa, informações gerais sobre as ações da SEED entre outros.

www.fonaper.com.br – a Fonaper – Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso, preocupa-se em manter vivo a discussão nacional para a implementação do Ensino Religioso nas escolas do Brasil.

nupper.com.br www.geog.ufpr.br/nupper – NUPPER – Núcleo de pesquisas sobre os espaços sagrados – sociabilidades.





REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. **O casamento entre o céu e a terra**. Contos dos povos indígenas do Brasil. Rio de Janeiro: Salamandra, 2001.

COSTELLA, Domênico. O fundamento epistemológico do ensino religioso. In: JUNQUEIRA, Sérgio; WAGNER, Raul (orgs.) **O ensino religioso no Brasil**. Curitiba: Champagnat, 2004.

DECLARAÇÃO universal dos direitos humanos.

(http://www.mj.gov.br/sedh/dpdh/gpdh/ddh_bib_inter_universal.htm)

DEBRAY, Régis. **Vida e Morte da Imagem: uma história do olhar no ocidente**. Petrópolis: Vozes, 1994.

JECUPÉ, K. **A terra dos mil povos**. História indígena do Brasil contada por um índio. São Paulo: Peirópolis, 1998.

JUNG, C. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

MANDIRITUBA. Fundação Educacional Meninos e Meninas de Rua Profeta Elias, **Nós também amamos a vida. Nós também queremos viver**. Mandirituba, 2003.

SCHOLGL, Emerli. **Dona Ossos**. Curitiba, 2006

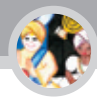
BIBLIOGRAFIA

ASSINTEC. Ensino religioso: sugestões pedagógicas. Curitiba: ASSINTEC, 2002.

BACHA FILHO, Teófilo. **O ensino religioso nas escolas públicas do Estado do Paraná**. Processo nº 1299/02. 2002. Curitiba: CEE, 2002.

BIEDERMANN, H. **Dicionário ilustrado de símbolos**. São Paulo: Melhoramentos, 1993.

BOFF, L. **O casamento entre o céu e a terra**. Contos dos povos indígenas do Brasil. Rio de Janeiro: Salamandra, 2001.



BOWKER, John. **Para entender as religiões**. São Paulo: Ática, 1997.

Brasil.Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso. **Parâmetros curriculares nacionais**: ensino religioso. 2. ed. São Paulo: AM Edições, 1997.

BRASIL. Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso. **Capacitação para um novo milênio**: Ensino religioso e os seus parâmetros curriculares nacionais. São Paulo, s.d.

BRASIL. Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso. **Referencial curricular para a proposta pedagógica da escola**. São Paulo, s.d.

BRUCE-MITFORD, Miranda. **O livro ilustrado dos símbolos**. O universo das imagens que representam as idéias e os fenômenos da realidade. São Paulo: Publifolha, 2001.

BUCE, M. **O livro ilustrado dos símbolos**. São Paulo: PubliFolha, 2001.

CAMPBELL, John. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Atena, 1990.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

COSTA, J. **Imagem global**. Barcelona: Ediciones CCAC, 1987.

DALLAR, **O que são direitos da pessoa**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**. Ensaio sobre o simbolismo mágico religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GIL, Sylvio Fausto. Espaço de representação e territorialidade do sagrado: notas para uma teoria do fato religioso. O Espaço Geográfico em Análise, Curitiba, v.3, n.3, p.91-120, 2005.

BRASIL. Instituto de Defesa dos Direitos Humanos. Curitiba: Escola da paz, 2001.

JACOBI, J. **Complexo, arquétipo, símbolo, na psicologia de C. G. Jung**. São Paulo: Cultrix, 1990.



JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. **O processo de escolarização do ensino religioso no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2002.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo; MENEGHETTI, Rosa Gitana Krob; OLENIKI, Marilac Loraine R.; DALDEGAN, Viviane Mayer. **Encantar**: uma prática pedagógica do ensino religioso. Petrópolis: Vozes, 2003.

PARANÁ, Secretaria de Estado de Educação. **Diretrizes Curriculares de Ensino Religioso para a Educação Básica**. Curitiba: 2006.

PEDROSA, I. **Da cor à cor inexistente**. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 1999.

PEIRANO, M. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003

REZENDE, José. **Diversidade religiosa e direitos humanos**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.

ROCHA, E. **O que é mito**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SILVA, Isaías. **A religiosidade em questão**. EJA. Curitiba: Educarte, 2006.

SCHLOGL, E. Não basta abrir as janelas: o símbolo na formação do professor. Curitiba: PUCPR, 2006. Dissertação. (Mestrado). PUCPR.

VIEIRA, E. Os ritos na formação do professor de ensino religioso. Curitiba: PUCPR, 2006.

VILHENA, M. **Ritos**: expressões e propriedades. São Paulo: Paulinas, 2005.

WASCHOWICZ, Lilian Anna. **Ensino Religioso e sua relação pedagógica**. Petrópolis: Vozes, 2002.



ESTADO DO PARANÁ
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Avenida Água Verde, 2140
Telefone: 41 3340-1500
www.diaadiaeducacao.pr.gov.br
Curitiba - Paraná

ISBN 978-85-85380-67-0



9 788585 380670